

CLAVIS LIBRI · GUIA DE LEITURA

QUINCAS BORBA

Machado de Assis · 1891

Um professor de Barbacena herda a fortuna e a filosofia de um louco, muda-se para o Rio de Janeiro e é devorado pelos amigos que o cercam.

A OBRA

PUBLICAÇÃO	Em folhetim na revista A Estação (1886-1891); em livro em 1891
GÊNERO	Romance realista
CENÁRIO	Barbacena, em Minas Gerais, e o Rio de Janeiro
ÉPOCA	O Segundo Reinado, de 1867 ao começo da década de 1870
NARRADOR	Terceira pessoa, com um narrador que comenta e conversa com o leitor
PROTAGONISTA	Pedro Rubião de Alvarenga, professor de Barbacena

TEMA CENTRAL

Um professor de província herda uma fortuna e uma filosofia que não entende, e o livro mostra o que o dinheiro faz com ele: dá-lhe uma casa na Corte, comensais que jantam à sua mesa, uma paixão pela mulher do amigo que o guiou, uma ambição política que nunca tivera e, por fim, o delírio de ser Napoleão III. O que faz o livro durar é o modo como a doutrina do filósofo acompanha o herdeiro: Rubião não a entende quando a ouve, entende-a ao herdar e a repete sem sentido ao morrer, e entre uma ponta e outra quem se serve dele (o sócio, a mulher do sócio, o político, os comensais) o larga quando o dinheiro e o juízo se vão, e só o cão o acompanha até o fim. O narrador ri dessa gente com uma graça que não poupa ninguém, e o último capítulo manda o leitor escolher entre chorar e rir.

O FIO QUE ATRAVESSA A OBRA

Três fios atravessam o romance de ponta a ponta, e cada um se acompanha pelos capítulos em que aparece.

O primeiro é Humanitas e o lema "ao vencedor, as batatas". Quincas Borba expõe a doutrina pela morte da avó, atropelada por uma sege cujo dono tinha fome, e Rubião aceita ser discípulo sem entendê-la (**capítulo VI**). Só ao herdar compreende a alegoria das tribos famintas e se vê como vencedor, a ponto de pensar num sinete com o lema (**capítulo XVIII**). No fim o lema volta sem a alegoria: Rubião o grita ao chegar a Barbacena (**capítulo CXCV**), repete-o na manhã de sol depois da tempestade (**capítulo CXCVIII**) e morre com as últimas palavras deixando-o pela metade (**capítulo CC**).

“Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas”

Capítulos I a XII: Humanitas e a morte do filósofo

O segundo é o dinheiro de Rubião passando aos Palha. A herança chega pelo testamento (**capítulo XIV**), e Palha, que ouve a confidência no trem e, ao saber da soma, reflete, pede descrição (**capítulo XXI**). Rubião entra com cinco contos na Atalaia (**capítulo LXI**), vira sócio de Palha (**capítulo LXIX**), pede dez contos a Palha, que guarda seus títulos e cede (**capítulo CVIII**), e vê Palha desfazer a sociedade alegando um banco que não existia (**capítulo CXXVIII**, **capítulo CXXIX**). Quando está internado, Palha apura três contos e duzentos dos bens dele (**capítulo CXCI**), e Sofia inaugura os salões de Botafogo com um colar dos primeiros presentes de Rubião (**capítulo CXCI**).

“assistia aos rombos feitos na caravela, sem temporal, mar de leite”

O terceiro é o desejo por Sofia virando delírio imperial. A tentação começa no jardim de Botafogo (capítulo XXVIII) e chega à declaração sob a lua de Santa Teresa (capítulo XXXIX, capítulo XL). Rubião sonha com uma carruagem triunfal ao lado de Sofia (capítulo CIX), e Sofia lembra a frase em que ele prometia fazê-la imperatriz (capítulo CXXV). Com a barba de Napoleão III (capítulo CXLVI), ele entra no coupé de Sofia, fala-lhe como amante e pede que o chame de Luís (capítulo CL, capítulo CLIII). O desejo termina na rua, onde passa gesticulando para uma imperatriz invisível (capítulo CLXXXII), e na morte, com a coroa que só ele vê (capítulo CC).

“espere que ainda a farei imperatriz”

ENREDO

Rubião, professor de Barbacena, herda tudo de um filósofo moribundo, Quincas Borba, com a única condição de cuidar do cão que leva o nome do dono. Muda-se para o Rio, conhece no trem um casal, os Palha, que o guia em cada passo, apaixona-se pela mulher do amigo e termina louco, achando-se Napoleão III, de volta à cidade onde começou. O romance abre com ele já rico, à janela da casa de Botafogo (capítulo I), e só depois recua.

BARBACENA E A HERANÇA

Em 1867, em Barbacena, o filósofo Quincas Borba, que vive com um grão de sandice, tem Rubião, irmão da viúva Piedade, como único amigo e é tratado por ele durante seis meses (capítulo IV). Deu seu nome ao cão para sobreviver no nome dele (capítulo V) e explica a Rubião a doutrina de Humanitas: pela morte da avó, atropelada por uma sege cujo dono tinha fome, diz que não há morte e que a guerra conserva. Rubião aceita ser discípulo (capítulo VI). Antes de partir para o Rio, o filósofo registra o testamento e confia o cão a Rubião (capítulo VIII). Do Rio manda uma carta em que diz ser Santo Agostinho, e Rubião, que a julga delírio, esconde-a do médico por medo de que o testamento seja anulado (capítulo X). Os jornais da Corte trazem a morte do filósofo (capítulo XI), e Brás Cubas escreve a Rubião dando a notícia (capítulo XIII).

O testamento faz de Rubião herdeiro universal, com uma só condição: guardar o cão, tratá-lo como pessoa, enterrá-lo entre flores e guardar-lhe os ossos numa urna (capítulo XIV). Como já dera o cão à comadre Angélica, Rubião corre a recuperá-lo, temendo perder a herança (capítulo XVI). Em casa, entende só agora a alegoria das tribos famintas e se vê como vencedor (capítulo XVIII). Manda rezar missa pelo amigo (capítulo XIX) e parte para o Rio (capítulo XX).

RUBIÃO NA CORTE

No trem, Rubião senta-se diante de Cristiano Palha e de Sofia e conta a herança, que calcula em não menos de trezentos contos. Os olhos de Palha brilham quando Rubião diz que fica na Corte e talvez vá à Europa, mas ao ouvir a herança ele já não brilha, reflete, e pede descrição (capítulo XXI). Palha o guia: indica um advogado, parente seu, convida-o a jantar em Santa Teresa (capítulo XXIII) e festeja o fim do inventário quando cai a denúncia que acusava o filósofo de demência (capítulo XXV). Rubião muda-se para Botafogo, e Palha o acompanha nas compras (capítulo XXVI). No jardim, debate-se com a tentação por Sofia, mulher do amigo (capítulo XXVIII).

Rubião recebe Freitas, parasita que vai muitas vezes almoçar ou jantar, elogia tudo e sai com charutos nos bolsos (capítulo XXIX), e Carlos Maria, moço lento, frio e superior (capítulo XXXI). Sofia manda morangos e um bilhete que, por ordem do marido, intima Rubião a jantar em Santa Teresa (capítulo XXXII). Em Santa Teresa, D. Tônica, solteira, vê nele o marido que o Céu lhe reservaria e percebe os olhares dele e de Sofia (capítulo XXXVII). No jardim, ao luar, Rubião, de repente loquaz, compara os olhos dela a estrelas (capítulo XXXIX) e lhe faz uma proposta sem recato (capítulo XL). Sofia suplica e Rubião só afrouxa a mão que a retém (capítulo XLI); o Major Siqueira, pai de D. Tônica, surge no jardim e vê as duas mãos presas, mas ela inventa a anedota do Padre Mendes para cobrir a demora, e Rubião,

desajeitado, sustenta a mentira (capítulo XLII). Em casa, D. Tônica chora a raiva e a solteirice (capítulo XLIII), e Rubião desce o morro entre remorso e esperança (capítulo XLV).

Sofia conta o que houve a Palha, que minimiza o caso até confessar que deve muito dinheiro a Rubião, e o narrador revela que o bilhete dos morangos fora redigido por ele e apenas copiado por Sofia (capítulo L). Envergonhado, Rubião decide ir a Minas, mas Camacho, o político que o conquistara num almoço (capítulo LVIII), o corta no caminho (capítulo LVI). Camacho e Palha se entendem pelo olhar e seguram Rubião na Corte, um propondo acompanhá-lo depois, o outro acenando com a cadeira de deputado (capítulo LIX). Rubião salva um menino sob um carro na Rua da Ajuda (capítulo LX) e entra com cinco contos na Atalaia, a folha de Camacho (capítulo LXI), que depois publica uma coluna inteira sobre o salvamento (capítulo LXVII). Em Santa Teresa conhece a tia e a prima de Sofia, Maria Benedita, moça da roça (capítulo LXIV).

OS PALHA SOBEM

Rubião torna-se sócio de Palha sem entender os números, e no baile em que Maria Benedita cronometra a valsa de Sofia com Carlos Maria, o moço se declara a Sofia, dizendo ter passado uma hora entre o mar e a casa dela (capítulo LXIX). Ele inventara a hora na praia, nem fora lá, e Sofia a repete na memória como um trecho musical teimoso (capítulo LXXIII, capítulo LXXIV). Rubião, atormentado pelo ciúme de um rival, sonda Carlos Maria (capítulo LXX). Aconselhado pelo major a casar (capítulo LXXVIII), sonha casamentos com noivas de título que acabam com o rosto de Sofia (capítulo LXXXII), e Palha tem um palpite: Rubião é que vai casar com Maria Benedita (capítulo LXXXIII).

Na Praia Formosa, um cocheiro conta que levou um moço de bigodes e olhos grandes à Rua da Harmonia, onde uma dama de véu chegou depois, a pé, e entrou (capítulo LXXXIX), e Rubião passa os capítulos seguintes procurando nisso a prova contra Sofia (capítulo XC). Acha uma carta com a letra dela para Carlos Maria (capítulo XCIX), e Camacho oferece uma candidatura a deputado (capítulo C). No enterro de Freitas, que ele custeia, o coupé faz os curiosos tomá-lo por senador (capítulo CI). Rubião despeja o que sente a Sofia no Flamengo (capítulo CIII) e lhe entrega a carta (capítulo CIV). Era a circular da comissão, e Sofia, de raiva de si, quebra o mandarim de porcelana (capítulo CV). O narrador diz então ao leitor que o cocheiro não deu nomes nem contou caso verdadeiro: a calúnia foi do leitor e de Rubião (capítulo CVI).

Afastado do Flamengo, Rubião assina cinco contos na subscrição de Sofia e pede dez a Palha, que guarda seus títulos e acaba cedendo (capítulo CVIII). Sonha com Palha açoitando Sofia e com uma carruagem triunfal (capítulo CIX) e emenda um artigo de Camacho (capítulo CXI), a ponto de se ter por autor do que lera (capítulo CXIII). Manda um brilhante a Sofia, ouve dela a explicação da carta, com uma lágrima, e a notícia de que Maria Benedita vai casar (capítulo CXV). Descobre que o noivo é Carlos Maria, e que tomara uma pessoa por outra (capítulo CXVI). Maria Benedita o amava em silêncio desde o baile da Rua dos Arcos, e foi Dona Fernanda, prima dele, que decidiu casá-los e depois lhe arrancou a confissão (capítulo CXVIII). Carlos Maria passa a gostar dela ao saber que é adorada (capítulo CXX), e os dois casam e partem para a Europa (capítulo CXXIV).

Voltando do pacote, Palha propõe desfazer a sociedade, dizendo que vai dirigir um banco (capítulo CXXVIII). O banco não existia: o narrador revela que Palha prospera com ações, apólices e

fornecimentos de guerra e já pensa em palacete e baronia (capítulo CXXIX). O Major Siqueira se queixa de que os Palha não o convidaram ao aniversário nem ao casamento (capítulo CXXX), e D. Tônica adia um vestido para comprar conservas para o jantar de Rubião (capítulo CXXXII).

O DELÍRIO IMPERIAL

A lenda do ricoço discípulo de filósofo atrai comensais, que jantam às seis em ponto, com ou sem o dono (capítulo CXXXIII), e sobre a secretária de Rubião ficam os bustos de Napoleão I e Napoleão III (capítulo CXXXIV). Sofia, louvada pela imprensa, corta as amizades modestas (capítulo CXXXVIII). Num passeio à Tijuca, distraída, chicoteia o cavalo com raiva e cai (capítulo CXLIII). Em janeiro de 1870, o barbeiro Lucien deixa em Rubião só a pêra e os bigodes, copiando o busto de Napoleão III (capítulo CXLVI).

Ao visitar Sofia, Rubião entra atrás dela no coupé (capítulo CL) e baixa as cortinas (capítulo CLI). Fala-lhe como amante, evoca um encontro que nunca houve, pede que o chame de Luís e promete a Palha um título de duque (capítulo CLIII). A notícia da mania se espalha (capítulo CLV), e com a guerra franco-prussiana as crises ficam mais agudas, com os comensais promovidos a marechais (capítulo CLVI). Sofia, vendo no mal dele o efeito do amor por ela, sente uma compaixão feita de simpatia e egoísmo (capítulo CLVII). Num dia de chuva revolve os nomes do passado, entre eles o de Carlos Maria, figura aborrecida, num desejo sem objeto que não retém nome nenhum (capítulo CLIX), e o sol recusa luz a esse desejo (capítulo CLX), e a vontade que parecia imperiosa vira veleidade (capítulo CLXIII).

Palha instala Rubião e o cão numa casinha da Rua do Príncipe (capítulo CLXV), e os amigos de Botafogo não o seguem (capítulo CLXVI). O Dr. Falcão, médico e deputado, o examina e crê que pode sarar (capítulo CLXVII). Carlos Maria e Maria Benedita voltam da Europa (capítulo CLXIX), e Rubião invade a sala deles, anuncia a queda do Ministério e oferece uma pasta a Carlos Maria (capítulo CLXXI).

A QUEDA E A VOLTA A BARBACENA

Teófilo, marido de Dona Fernanda, chega abatido por não entrar no novo Ministério (capítulo CLXXIV) e é consolado com uma presidência de província (capítulo CLXXVII). Rubião perde os interlocutores: Camacho o recebe com frieza (capítulo CLXXIX), e o Major Siqueira o conduz à porta com a história de um coche, enquanto D. Tônica, que o requestara, noiva de Rodrigues, viúvo e empregado do Ministério da Guerra (capítulo CLXXX, capítulo CLXXXI).

Rubião passa pela Rua da Ajuda gesticulando para uma imperatriz invisível, seguido por moleques (capítulo CLXXXII), e o pai de um menino que ele salvara o reconhece (capítulo CLXXXIII). Palha, com o Dr. Falcão, o interna numa casa de saúde (capítulo CLXXXV), e o Dr. Falcão conclui que Rubião foi amante da mulher de Palha (capítulo CLXXXVI). Na casa abandonada da Rua do Príncipe, Sofia mal disfarça o asco, e Dona Fernanda se comove com o cão magro (capítulo CLXXXVIII). Palha apura três contos e duzentos dos bens de Rubião (capítulo CXCI), e em outubro Sofia inaugura os salões de Botafogo com um baile (capítulo CXCI).

Rubião some da casa de saúde (capítulo CXCI). Dias antes, Palha o achara são, dera-lhe cem mil-réis e pedira ao diretor que não precipitasse a alta (capítulo CXCI). Rubião e o cão chegam a Barbacena, e ele grita o lema que havia esquecido (capítulo CXCI). Uma tempestade desaba (capítulo CXCI), os dois vagam a noite ao relento, e Rubião toma as estrelas por lustres de salão (capítulo CXCI). A comadre Angélica o abriga, e ele, com febre, fala do rei da Prússia capturado (capítulo CXCI). Morre poucos dias depois, pondo na cabeça uma coroa que só ele vê (capítulo CC). O cão adoece, foge atrás do dono e amanhece morto na rua, e o narrador manda o leitor chorar ou rir (capítulo CCI).

RESUMO E ANÁLISE

CAPÍTULOS I A XII: HUMANITAS E A MORTE DO FILÓSOFO

PRÓLOGO

Machado recusa o pedido de uma trilogia com a Sofia na terceira parte: ela está inteira neste livro, e continuá-la seria repeti-la.

CAPÍTULO I: RUBIÃO À JANELA DE BOTAFOGO

Rubião olha a enseada e compara o passado de professor com o presente de capitalista. Calça chinelas dadas por Cristiano Palha e acha que Deus escreve direito por linhas tortas.

tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade

Para pensar: Rubião vê a morte da irmã e do amigo como obra de Deus por linhas tortas: o que isso revela sobre ele?

CAPÍTULO II: O ESPÍRITO E O CORAÇÃO

O espírito de Rubião foge do pensamento vexante para uma canoa, mas o coração segue alegre: foi bom que a irmã Piedade morresse sem casar, pois poderia vir um filho herdeiro.

CAPÍTULO III: CAFÉ, PRATA E LEMBRANÇA DE SOFIA

Ao tomar café em bandeja de prata, Rubião lembra os criados impostos por Cristiano Palha. Antes de soltar o Quincas Borba (cão), pensa em Sofia e se julga amado por ela.

CAPÍTULO IV: O ENFERMEIRO E O FILÓSOFO

Em 1867, Quincas Borba (filósofo) vive em Barbacena, com um grão de sandice. Rubião, irmão da viúva Piedade, que morrera, vira seu único amigo e o trata por seis meses.

CAPÍTULO V: O CÃO E O NOME DO FILÓSOFO

Quincas Borba (filósofo) deu seu nome ao Quincas Borba (cão) por razão doutrinária e por querer sobreviver no nome dele. Diz a Rubião que vai morrer.

CAPÍTULO VI: A MORTE DA AVÓ E AS BATATAS

Quincas Borba (filósofo) explica Humanitas pela morte da avó, atropelada por uma sege cujo dono tinha fome: não há morte, e a guerra conserva. Rubião aceita ser discípulo.

Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas

Para pensar: A filosofia de Quincas Borba explica a morte da avó ou apenas a justifica?

CAPÍTULO VII: A PERGUNTA SOBRE A AMIZADE

Exausto, **Quincas Borba (filósofo)** descreve o mundo com elogios que espantam **Rubião**. Pergunta se o outro é seu amigo e ouve que é tanto quanto o cão.

CAPÍTULO VIII: O TESTAMENTO E A PARTIDA

Quincas Borba (filósofo) registra o testamento no tabelião, confia o **Quincas Borba (cão)** a **Rubião** e parte para o Rio, chorando pelo cachorro.

CAPÍTULO IX: REMORSO, CÃO TRISTE E ZOMBARIAS

Rubião teme ser culpado se o amigo morrer na viagem. O **Quincas Borba (cão)** sofre a ausência do dono, o médico diz que a morte é certa, e na cidade zombam do professor sentinela de cachorro.

CAPÍTULO X: A CARTA DE SANTO AGOSTINHO

Do Rio chega uma carta em que **Quincas Borba (filósofo)** diz ser Santo Agostinho. **Rubião** julga o amigo louco, esconde a carta do médico por medo de anular o testamento e calcula o legado.

Remorsos fáceis, de pouca dura

Para pensar: Rubião lê a loucura do amigo como perda de um bom amigo ou como risco ao legado?

CAPÍTULO XI: A NOTÍCIA NOS JORNAIS

Nos jornais da Corte, **Rubião** lê a morte de Joaquim Borba dos Santos, o **Quincas Borba (filósofo)**: suportou a doença com filosofia, delirou no fim e deixa muitos bens.

CAPÍTULO XII: ALÍVIO E DESTINO DO CÃO

Sem alusão a demência na notícia, **Rubião** volta a tomar a carta por troca. Vendo o **Quincas Borba (cão)**, decide dá-lo à comadre Angélica, pois a obrigação acabou.

Agora, que já acabou a obrigação, vou dá-lo à comadre Angélica

TEMA CENTRAL

O livro abre com **Rubião** já rico e só depois recua a Barbacena, onde um professor sem posses cuida de um filósofo moribundo.

Por isso cada gesto de zelo de Rubião pode ser lido duas vezes, como afeição e como cálculo: o remorso que ele sente ao esconder a carta e ao pensar no legado dura pouco, e o texto o diz com todas as letras.

Humanitas chega como discurso que Rubião não compreende: a morte da avó, as bolhas na água e a guerra conservadora das tribos servem a **Quincas Borba (filósofo)** para dizer que a destruição de um é a vida de outro. Rubião ouve e concorda sem entender, e a fórmula fica guardada para quando houver batatas em jogo.

A loucura do filósofo nunca é decidida pelo texto: a carta de Santo Agostinho tanto pode ser delírio quanto troça. Quem decide é o interesse de Rubião, que precisa de um amigo são para o testamento valer e ri de alívio quando a carta pode ser gracejo. O dinheiro governa a leitura do que é sanidade.

CAPÍTULOS XIII A XXVIII: A HERANÇA E A TENTAÇÃO DE RUBIÃO

CAPÍTULO XIII: BILHETE DE BRÁS CUBAS, CÃO DESPACHADO

Brás Cubas escreve a **Rubião** dando a morte do amigo e agradecimentos; as praxes do foro devolvem a cor ao professor. Ele manda o **Quincas Borba (cão)** de presente à comadre Angélica.

CAPÍTULO XIV: O TESTAMENTO E A CLÁUSULA DO CÃO

Aberto o testamento, **Rubião** é herdeiro universal de tudo, com uma só condição: guardar o **Quincas Borba (cão)**, tratá-lo como pessoa, enterrá-lo entre flores e guardar seus ossos numa urna.

cuidar finalmente como se cão não fosse, mas pessoa humana

Para pensar: Por que o testador faria de um cachorro a única condição de uma herança inteira?

CAPÍTULO XV: RUBIÃO SONHA COM A HERANÇA

Rubião acha natural a cláusula, mas só pensa na herança, que calcula entre cem e trezentos contos. Hesita entre brilhar em Barbacena e mudar-se para o Rio.

CAPÍTULO XVI: MEDO DE TER PERDIDO O CÃO

Rubião lembra que deu o cachorro à comadre e corre até lá, temendo fuga ou roubo e a herança em risco por cláusula descumprida. Promete missas.

CAPÍTULO XVII: O REENCONTRO NO CERCADO

A comadre Angélica achava que o cão fora dado a ela. **Rubião** explica que é só depositário. No cercado, o **Quincas Borba (cão)** o recebe com festa e delírio.

CAPÍTULO XVIII: AO VENCEDOR, AS BATATAS

De volta em casa, **Rubião** recorda a voz de **Quincas Borba (filósofo)** e entende, só agora, a alegoria das tribos famintas. Vê-se como vencedor e pensa num sinete com o lema.

o melhor modo de apreciar o chicote é ter-lhe o cabo na mão

Para pensar: Rubião só compreende a alegoria das tribos depois de herdar: a doutrina ensina alguma coisa ou apenas confirma o lugar de quem a lê?

CAPÍTULO XIX: MISSA PELO FINADO

Rubião manda rezar missa pelo amigo, embora soubesse ou pressentisse que ele não era católico, por ser prece dos vivos e para evitar escândalo. Muitos comparecem e veem sua compunção sincera.

CAPÍTULO XX: RUMO AO RIO

Resolvidos os preliminares da herança, Rubião vai ao Rio, onde pretende se fixar.

CAPÍTULO XXI: NO TREM, OS PALHA

No trem, Sofia e Cristiano Palha sentam-se diante de Rubião. Falam de escravos e Europa, e os olhos de Palha brilham quando Rubião diz que pode ir à Europa. Rubião conta a herança, que calcula em não menos de trezentos contos; Palha já não brilha, reflete, e pede discrição.

Discrição e caras serviçais nem sempre andam juntas

Para pensar: Palha aconselha discrição depois de ouvir a confidência inteira: é prudência de amigo ou interesse de quem soube que Rubião é rico?

CAPÍTULO XXII: DESPEDIDA NA ESTAÇÃO DA CORTE

Na estação da Corte, os dois se despedem quase como íntimos. Cristiano Palha oferece a casa de Santa Teresa, e Rubião vai para a Hospedaria União.

CAPÍTULO XXIII: PALHA ARRUMA O ADVOGADO

Cristiano Palha visita Rubião na hospedaria, indica um advogado, parente seu, e o convida a jantar em Santa Teresa.

CAPÍTULO XXIV: PRIMEIRO JANTAR EM SANTA TERESA

Constrangido diante de Sofia, Rubião lembra a promessa de ser forte e implacável e vai ao jantar. Ela, dona da casa, fala mais, e ele desce o morro meio tonto.

CAPÍTULO XXV: INVENTÁRIO E DENÚNCIA

Rubião janta muitas vezes em Santa Teresa, tímido e com um fogo mal guardado. Alguém denuncia o testamento por demência de Quincas Borba (filósofo); a denúncia cai, e Palha festeja o fim do inventário.

CAPÍTULO XXVI: MUDANÇA E COMPRAS COM OS PALHA

Rubião muda-se para a casa de Botafogo, e Cristiano Palha o guia nas compras. Sofia às vezes vai junto, e Rubião demora as compras para tê-la perto.

CAPÍTULO XXVII: DE VOLTA À SALA DE BOTAFOGO

O relato volta à sala, depois do café: Rubião bate com as borlas do chambre, lembra-se da obrigação diária e vai soltar o Quincas Borba (cão).

CAPÍTULO XXVIII: A TENTAÇÃO E O CÃO NO JARDIM

No jardim, Rubião se debate com a tentação por Sofia, mulher do amigo. Solto, o Quincas Borba (cão) festeja, apanha e perdoa, e o narrador descreve sua vida entre afagos e maus-tratos.

Gosta de ser amado. Contenta-se de crer que o é

Para pensar: Por que o narrador para no meio da tentação de Rubião para descrever a vida interior do cão?

TEMA CENTRAL

O dinheiro chega junto com a doutrina que Rubião não entendia. Enquanto era pobre, a alegoria das tribos lhe parecia obscura; com a herança nas mãos, vira lema, e o narrador diz que a paisagem depende do ponto de vista. A cláusula do cão faz do legado uma ordem de morto, que Rubião cumpre por interesse e acaba por cumprir também por afeto.

O casal Palha entra por contraste. Cristiano Palha pergunta, concorda, tem os olhos brilhando quando Rubião fala de Europa, fica a refletir ao saber da herança e só então pede descrição. A confiança, a casa de Santa Teresa, o advogado e o jantar do inventário fazem dele o guia de Rubião em cada etapa, e o texto não diz onde a amizade termina e o interesse começa.

Os dois últimos capítulos fecham o arco: o pecado que persegue Rubião é amar a mulher do amigo que o orientou. O retrato do cão que gosta de ser amado e se contenta de crer que o é serve de espelho cruel, porque Rubião também se agarra à crença de que Sofia o quer.

CAPÍTULOS XXIX A XL: MORANGOS, LUAR E DECLARAÇÃO DE RUBIÃO

CAPÍTULO XXIX: ALMOÇO DE DOMINGO E O PARASITA FREITAS

Rubião recebe para o almoço Carlos Maria e Freitas, conhecido num armazém, que se fez comensal assíduo e sai sempre com charutos nos bolsos.

Freitas elogiava tudo, saudava cada prato e cada vinho com uma frase particular, delicada

Para pensar: Freitas é um amigo de Rubião ou alguém que vive de sua mesa, e como o próprio Rubião o enxerga?

CAPÍTULO XXX: O ARQUITETO DE RUÍNAS

Rubião pergunta se Freitas o acompanharia à Europa. Ele recusa, por ser amigo livre, e diz que a máscara risonha esconde um homem triste. Rubião ri.

trago esta máscara risonha, mas eu sou triste. Sou um arquiteto de ruínas

CAPÍTULO XXXI: CARLOS MARIA, O CONVIDADO SUPERIOR

Carlos Maria, lento, frio e superior, humilha Freitas durante o almoço, e **Rubião**, que o respeita mais, não ousa rir. Chegam uma cestinha e uma carta.

CAPÍTULO XXXII: MORANGOS DE SOFIA

Sofia manda morangos e intima **Rubião** a jantar em Santa Teresa. Ele se perturba, os convivas supõem um amor adúltero, e ao fim chuta o **Quincas Borba (cão)**.

O maior pecado, depois do pecado, é a publicação do pecado

CAPÍTULO XXXIII: O BILHETE RELIDO

Sozinho, **Rubião** relê o bilhete de **Sofia**, toma a assinatura por capitulação e acaba beijando o nome.

CAPÍTULO XXXIV: VISITAS EM SANTA TERESA

Em Santa Teresa, **Sofia** censura a demora de **Rubião** diante das visitas, entre elas D. Tônica, solteira. O Major Siqueira o afoga em histórias, até **Cristiano Palha** resgatá-lo.

CAPÍTULO XXXV: RETRATO DE SOFIA E DE PALHA

O narrador retrata **Sofia**, cada vez mais bela, e **Cristiano Palha**, que adivinhou as falências de 1864, gasta tudo e a exhibe decotada. Ela gosta de ser vista, mas guarda o coração.

podemos compará-los à lanterna de uma hospedaria em que não houvesse cômodos para hóspedes

Para pensar: Palha decota a mulher para exhibir a própria ventura: o que essa vaidade diz do casamento dos dois?

CAPÍTULO XXXVI: OLHARES NA SALA

À noite, enquanto uma senhora canta ao piano, **Rubião** contempla **Sofia**, que o olha de volta. Palha não vê a troca de olhares, mas D. Tônica vê.

CAPÍTULO XXXVII: A ESPERANÇA DE D. TÔNICA

D. Tônica vê em **Rubião** o esposo que o Céu lhe reservaria. Ao notar os olhares dele e de **Sofia**, sente a desesperança, mas insiste, e ele responde distraído.

CAPÍTULO XXXVIII: RUBIÃO RESOLUTO

Rubião está resoluto: a alma de **Sofia** parece convidar a dele a voar para as terras clandestinas, de onde em geral voltam velhas e cansadas, e algumas não voltam.

CAPÍTULO XXXIX: A LUA E AS ESTRELAS

No jardim, ao luar, **Sofia** leva **Rubião** pelo braço. De repente loquaz, ele compara os olhos dela às estrelas, e ela não sabe se deve entender ou fingir que não entende.

Trouxera ao colo um pombinho, manso e quieto, e sai-lhe um gavião

Para pensar: Sofia lembra os próprios gestos e as palavras doces e vê que não podia ignorar o sentido das finezas de Rubião: ela tem parte na situação, ou o texto a trata apenas como surpreendida?

CAPÍTULO XL: AS CASTAS ESTRELAS

As estrelas castas ouvem **Rubião**, antes recatado e agora libertino, propor a **Sofia** a compra da alma e do corpo, como um Diabo que tira as asas de arcanjo.

TEMA CENTRAL

Estes capítulos deslocam o romance da herança para o desejo e o faz em cena: do almoço de domingo ao jardim de Santa Teresa, **Rubião** passa de anfitrião satisfeito a homem que quer a mulher do amigo. Os dois convivas do almoço, Freitas, que adula, e **Carlos Maria**, que desdenha, mostram dois modos de viver ao redor de um rico, e o narrador os põe lado a lado para o leitor ver o que Rubião ainda não vê.

Sofia é descrita com precisão de escultor e de comerciante: **Cristiano Palha** a expõe como vitrine, ela aprende a gostar de ser vista, e o narrador insiste que a porta do coração continua trancada. No jardim, quando Rubião fala, ela não sabe se convém entender ou fingir que não entende, e a sequência termina com essa pergunta sem resposta, enquanto o narrador chama as estrelas de castas e descreve o Diabo que se revela.

D. Tônica serve de testemunha e de espelho. É a que o narrador garante ter visto a troca de olhares na sala, e a sua esperança de casar repete, em ponto pequeno e sem poder nenhum, o mesmo desejo que move Rubião. O romance encena a tentação por dois lados, o de quem tem dinheiro e quer uma mulher alheia, e o de quem não tem nada e quer um marido.

CAPÍTULOS XLII A XLIX: A NOITE DEPOIS DO JARDIM

CAPÍTULO XLI: DEZ MINUTOS SUBLIMES

Sofia quer voltar à sala, mas **Rubião** a retém pelo braço e pela mão e lhe pede que fite o

Cruzeiro às dez da noite. Ela suplica, ele afrouxa e ia beijar-lhe a mão quando uma voz o acorda.

Rubião estremeceu diante deste possessivo: nossa ausência

Para pensar: Sofia diz nossa ausência: é um deslize ou uma defesa, e o que Rubião faz com a palavra?

CAPÍTULO XLII: O PADRE MENDES

O Major Siqueira entra no jardim. **Sofia**, serena, inventa a anedota do Padre Mendes para cobrir a demora, e **Rubião**, desajeitado, sustenta a mentira. O major fala sem parar, e D. Tônica vem buscar o pai.

CAPÍTULO XLIII: A RAIVA DE D. TÔNICA

Na casa da Rua do Senado, D. Tônica imagina denunciar **Sofia** ao marido e a rebaixa em pensamento. Passada a cólera, olha a alcova de solteira, pensa nos quarenta anos que se aproximam e chora na cama.

CAPÍTULO XLIV: TIRANOS DE INTENÇÃO

O narrador diz que a humilhação de D. Tônica foi tão verdadeira quanto a cólera: ela sentiu ímpetos de estrangular **Sofia**, mas eram imaginações.

há tiranos de intenção

CAPÍTULO XLV: RUBIÃO ENTRE REMORSO E ESPERANÇA

Enquanto uma chora, outra ri. **Rubião** desce o morro ora exaltado, ora arrependido, acusando e defendendo **Sofia**. Lembra a dívida e as três letras que aceitou por **Cristiano Palha** e vai dar no Largo de São Francisco.

CAPÍTULO XLVI: O MENDIGO E O CÉU

Um mendigo acorda nos degraus da igreja e fica de barriga para o ar, fitando o céu estrelado. Os dois se medem como majestades rivais e tranquilas, e cada um diz ao outro que não o atingirá.

Afinal, não me hás de cair em cima

CAPÍTULO XLVII: O ENFORCADO DE OUTROS TEMPOS

Rubião, com inveja do mendigo, entra num tálburi e lembra o tempo em que era pobre: seguiu o cortejo de um escravo condenado, foi dar à praça da execução e gritou no instante fatal.

CAPÍTULO XLVIII: COCHEIRO, CAVALO E METEMPSICOSE

O cocheiro fala de cavalos e cachorros, e Rubião lembra o Quincas Borba (cão), a cláusula do testamento e o medo de perder os bens. Cogita que cão e Quincas Borba (filósofo) sejam a mesma criatura, por transmigração.

CAPÍTULO XLIX: O CÃO E O SONO ESQUIVO

Em casa, o Quincas Borba (cão) o recebe com festa, e seu olhar lembra o do filósofo. Rubião o acaricia e o manda descer sem pancadas. Deitado, mistura o dia inteiro; o amor por Sofia vence o arrependimento, e ele só dorme antes das quatro.

terra eternamente virgem para se lhe plantar qualquer coisa

Para pensar: Rubião cogita que o cão seja o filósofo: é crença, medo ou conveniência de quem herdou?

TEMA CENTRAL

Estes capítulos têm dois tempos. O primeiro fecha a cena do jardim: Sofia escapa da mão de Rubião, a anedota do Padre Mendes cobre a ausência e o major fica entre ter visto e não ter visto. Quem inventa a mentira é Sofia, e quem a sustenta mal é Rubião, que é incapaz de inventar nada.

O segundo tempo é interior. D. Tônica chora a solteirice, Rubião se acusa e se defende, a consciência se parte em duas, e o narrador toma a dor de uma e o riso do outro como parte do equilíbrio do mundo. A dívida e as letras aceitas por Cristiano Palha aparecem aqui como o freio concreto da lealdade: Rubião deve ao marido da mulher que deseja.

O enforcado e a metempsicose não resolvem nada, mas mostram como Rubião foge de si por desvios: quando a noite pesa, recorre a uma lembrança em que não conseguiu desviar os olhos e à ideia de que o cão carrega a alma do amigo. Daí o cão, no fim, ser ao mesmo tempo vigia e consolo, e daí o cuidado de Rubião para que não lhe deem pancadas.

CAPÍTULOS LVII: PALHA, SOFIA E A ENTRADA DE CAMACHO

CAPÍTULO L: SOFIA CONTA, PALHA CONFESSA A DÍVIDA

Já de noite, Sofia conta a Cristiano Palha o que Rubião fez no jardim. Ele minimiza, mas confessa uma dívida com o amigo, e ela promete esfriar o trato aos poucos.

Mas, meu amor, eu devo-lhe muito dinheiro

Para pensar: Palha empalidece ao ouvir a notícia e depois passa a minimizá-la: o que o faz mudar de tom, o ciúme ou a dívida?

CAPÍTULO LI: O DIA SEGUINTE DE SOFIA

Sofia amanhece abatida, e Cristiano Palha lhe fala só de negócios. Sozinha no jardim, ela se culpa, teme que o major Siqueira espalhe o caso e pensa em sair da cidade.

CAPÍTULO LII: O RAPAZ QUE CUMPRIMENTA E O CARTEIRO

Um rapaz a cumprimenta na rua, e Sofia o reconhece: é Carlos Maria, que dançou com ela num baile e elogiou seus olhos e ombros. Um carteiro cai, e ela ri.

CAPÍTULO LIII: O RISO E OS DEUSES DE HOMERO

O narrador defende o riso de Sofia com os deuses de Homero, que gargalham no meio de uma briga solene. Uma lembrança grotesca basta para quebrar a paixão mais séria.

Senhora minha, com certeza nunca viu cair um carteiro

CAPÍTULO LIV: CAMACHO NA SALA DE BOTAFOGO

Duas semanas depois, Cristiano Palha visita Rubião e dá com o Dr. Camacho. A menção à lua deixa ambos sem fala, e Rubião avisa que vai partir.

CAPÍTULO LV: PALHA E A COLCHA DE RETALHOS

Cristiano Palha imagina por que Rubião parte: castigo, fuga da paixão ou casamento. A última hipótese o desaponta, e o narrador chama sua alma de colcha de retalhos.

moralmente as colchas inteiriças são tão raras

CAPÍTULO LVI: REMORSO CURTO E CAMACHO NO CAMINHO

Após o jardim, Rubião vive envergonhado e decide ir a Minas. O narrador compara esse remorso ao da carta de Quincas Borba (filósofo). Camacho o corta: deixe Minas para depois.

A moral é uma, os pecados são diferentes

Para pensar: O narrador diz que a moral é uma e os pecados são diferentes: que diferença o narrador vê entre o remorso de Rubião pela carta escondida e o do jardim, e ela convence?

CAPÍTULO LVII: RETRATO DO POLÍTICO CAMACHO

Camacho, bacharel de Recife, faz jornalismo político que troca de adjetivos conforme o governo e chega a deputado. Quer ser ministro, não consegue, e vive da advocacia.

TEMA CENTRAL

Estes capítulos ligam a vida íntima de Santa Teresa ao dinheiro. Sofia conta a cena do jardim e, quando ela fala em cortar as relações, Cristiano Palha confessa dever muito dinheiro a Rubião.

Mesmo depois da confissão ele segue minimizando a cena. O texto tem o cuidado de dizer que ele gostava da mulher, mas o cálculo vem junto, e as duas coisas não se separam.

O narrador espalha pausas cômicas entre as cenas graves: o carteiro que cai, os deuses de Homero, a alma de Palha como colcha de retalhos. Elas não aliviam o drama, mostram que paixão, vexame e interesse convivem no mesmo corpo, e que a unidade moral do homem está nessa mistura.

Camacho entra no fim desta sequência como o outro lado do dinheiro de Rubião: um político que muda os adjetivos conforme o governo e desce da política abstrata para as nomeações. Antes de a conversa terminar, ele já decide pelo anfitrião e o desvia de Minas.

O texto prepara a fase seguinte, em que a ambição pública vai ocupar o lugar da tentação privada.

CAPÍTULOS LVIII A LXVII: A ATALAIA, O SALVAMENTO E MARIA BENEDITA

CAPÍTULO LVIII: CAMACHO CONQUISTA RUBIÃO

Dias antes, **Camacho** seduz **Rubião** com política e um almoço: fundou uma folha pela guerra, e o ouvinte, lisonjeado, já sonha com um lugar na Câmara.

CAPÍTULO LIX: SEGURAR RUBIÃO NA CORTE

Rubião insiste em ir a Minas. **Cristiano Palha** e **Camacho** se entendem pelo olhar e o seguram: um propõe acompanhá-lo depois, o outro acena com a cadeira de deputado.

esse olhar foi como um bilhete de visita trocado entre as duas consciências

Para pensar: Palha e Camacho se entendem sem uma palavra: o que a imagem do bilhete de visita diz sobre os dois?

CAPÍTULO LX: A ATALAIA E O MENINO DA RUA DA AJUDA

Rubião lê a Atalaia, gosta do artigo e corre ao escritório de **Camacho**. No caminho, arranca um menino da frente de um carro, fere a mão e recebe os agradecimentos da vizinhança.

CAPÍTULO LXI: CINCO CONTOS PARA A FOLHA

Camacho exhibe o retrato do Marquês de Paraná e diz que a Atalaia só precisa de mais dois sócios. **Rubião**, que viera apenas assinar, entra com cinco contos.

CAPÍTULO LXII: A BARONESA NA ESCADA

Na saída, **Rubião** cruza com uma baronesa cheirosa que procura Camacho e vê seu coupé. Apesar do próprio luxo, sente-se de novo o antigo professor de Barbacena.

CAPÍTULO LXIII: A SORTE DO PRIMEIRO CARRO

Rubião encontra **Sofia** na rua e, à noite, deixa a sorte decidir se vai a Santa Teresa. O primeiro veículo diz não, mas ele corrige a regra, e as caleças de um enterro dizem sim.

Tílburi não era carro

Para pensar: Rubião muda as regras da aposta quando a sorte diz não: ele decide pela sorte ou já tinha decidido?

CAPÍTULO LXIV: A TIA E A PRIMA DE SOFIA

Sofia o recebe sem rancor e apresenta D. Maria Augusta e a filha, **Maria Benedita**, moça da roça. A mãe finge rabugice para adiar o casamento da filha.

CAPÍTULO LXV: A VISITA CURTA E O RETRATO

Sofia não retém **Rubião**, que sai às nove. Chega **Carlos Maria**, e Rubião, no jardim, ouve-o elogiar Sofia diante do retrato.

a senhora é muito mais bela, infinitamente mais bela que a pintura

CAPÍTULO LXVI: COMO ELE DIZ AQUELAS COISAS

Em casa, **Rubião** admira a naturalidade de **Carlos Maria**.

CAPÍTULO LXVII: A NOTÍCIA DO SALVAMENTO

Rubião vê seu nome na Atalaia. Irritado, depois lisonjeado, recebe cumprimentos, repreende **Camacho** de leve e reimprime a notícia em outro jornal.

uma censura mole, ao canto da boca

Para pensar: Rubião começa vexado e termina reimprimindo a notícia: o que o faz mudar de ideia?

TEMA CENTRAL

Palha e Camacho agem de comum acordo sem combinar palavra, e o narrador resume isso na imagem do bilhete de visita. Rubião quer voltar a Barbacena, e os dois o seguram: Camacho com a cadeira de deputado, Palha com a viagem a dois a Minas, mais tarde. Em seguida, os cinco contos para a Atalaia transformam em dinheiro uma ambição que ele nunca tivera.

O salvamento da criança mostra o que a Atalaia faz com uma boa ação: Rubião se atira aos cavalos sem pensar, e Camacho publica uma coluna inteira sobre um arranhão. Em poucas horas Rubião sai do vexame e chega ao orgulho, e a repreensão que faz a Camacho é branda.

A baronesa na escada e o encontro com Sofia e Carlos Maria fazem o contrapeso: no meio da glória, Rubião ainda se sente o antigo professor de Barbacena. Maria Benedita aparece sem relevo nestes capítulos, mas a mãe que a quer solteira já mostra o interesse por trás das boas maneiras.

CAPÍTULOS LXXVIII A LXXVI: BAILE, SOCIEDADE E A DECLARAÇÃO

CAPÍTULO LXXVIII: MARIA BENEDITA APRENDE AS PRENDAS

Maria Benedita aceita estudar francês e piano, e Cristiano Palha vence a tia com a promessa de um bom marido. Sofia a introduz na vida da cidade; a prima aprende depressa, mas recusa valsar.

CAPÍTULO LXIX: SOCIEDADE COMERCIAL E DECLARAÇÃO NO BAILE

Oito meses depois, em um baile, Maria Benedita cronometra a valsa de Sofia com Carlos Maria. Rubião é sócio de Cristiano Palha, e o moço declara-se a Sofia, dizendo ter passado uma hora entre o mar e a casa dela.

fundiam-se ambos na adoração que este moço tinha de si mesmo

Para pensar: Rubião entra na sociedade com Palha sem entender os números: que motivos o texto dá para ele aceitar, e onde fica Sofia entre eles?

CAPÍTULO LXX: RUBIÃO SONDA O RIVAL

No baile de aniversário da mulher de Camacho, Rubião acompanha Carlos Maria ao gabinete dos sobretudos para sondá-lo, atormentado pelo ciúme de um rival. Homens falam de política; o moço sai com sono, e Rubião fica inquieto.

CAPÍTULO LXXI: SOFIA EM CASA, DE MANHÃ

Em casa, Sofia chama o sarau de enfadonho, mas aceita o carinho do marido, que elogia a valsa de Carlos Maria. De manhã, à janela, procura na rua os sinais do homem da praia.

CAPÍTULO LXXII: DESPEDIDA À JANELA

Cristiano Palha sai para a cidade e recomenda Maria Benedita, que acordou aborrecida com vontade de ir para a roça. Sofia arruma-lhe a gravata, e os dois se despedem com o adeus de mão do costume.

CAPÍTULO LXXIII: A FRASE QUE VOLTA

Sofia jura a si mesma esquecer o episódio e culpa-se por ter deixado o rapaz chegar ao fim. A declaração, porém, repete-se na memória dela como um trecho musical teimoso.

A noite era clara; fiquei cerca de uma hora entre o mar e a sua casa

CAPÍTULO LXXIV: CARLOS MARIA RECONSTRÓI A VÉSPERA

Na cama, Carlos Maria reconstrói o baile e sente a confissão como compromisso e estorvo. Ri da mentira sobre a praia, pois nem foi lá, e se abate. Conclui que não vale emendar, e pensa na educação como defeito de Sofia.

a emenda era pior que o soneto, e que há bonitos sonetos mentirosos

Para pensar: Carlos Maria se abate por ter mentido a Sofia e acha a confissão dela um estorvo: o que o incomoda de fato?

CAPÍTULO LXXV: OUTRAS MULHERES E O PASSEIO A CAVALO

Carlos Maria vê entre as admiradoras a recente Sofia, que perde importância na fila. Querendo corrigir a mentira, sai a cavalo, quase passa pela casa dela e recua.

CAPÍTULO LXXVI: O CAVALEIRO ADMIRADO

Carlos Maria monta bem, e a gente que passa mira o garbo e a tranquilidade régia dele. Ele recolhe todas as admirações, por ínfimas que sejam.

TEMA CENTRAL

Estes capítulos giram em torno de uma frase, a da praia, e de quem a diz e a escuta. Carlos Maria a inventou durante a conversa, sem ter ido lá, e a mentira rende efeito pleno: Sofia a decora, cotejada com a rua, e o capítulo LXXIII a faz voltar como música. O texto diz que a própria dama não saberia responder se foi espanto, indignação ou medo, e que não foi com incredulidade.

A declaração falsa produz um sentimento verdadeiro.

Machado mostra a mesma noite por quatro ângulos. Rubião sofre um ciúme que não pode confessar e é, ao mesmo tempo, o sócio cujo dinheiro sustenta a casa. Palha elogia a valsa do rapaz, sem suspeitar. Sofia finge tédio diante do marido e vigia a rua pela janela. Carlos Maria, o único que sabe da mentira, a avalia como quem corrige um soneto, sem pensar em ninguém além de si.

A sociedade comercial do capítulo LXIX liga Rubião ao casal por dinheiro e visitas, e a decisão que ele toma como livre tem Sofia dentro desde o começo. O cão Quincas Borba (cão) o fita com um tom de censura, e Rubião ri da suposição, mas lhe coça as orelhas para captá-lo. Maria Benedita, entre tantos, é a que conta os minutos da valsa, e os capítulos seguintes vão dizer a razão.

CAPÍTULOS LXXVII A LXXXIX: CASAMENTO SONHADO E PRAIA FORMOSA

CAPÍTULO LXXVII: O NOIVO QUE SOFIA NÃO NOMEIA

Maria Benedita diz não gostar de valsar e quer voltar para a roça. Sofia promete um noivo, que é Rubião. A prima, esperançosa, pensa em Carlos Maria.

Sofia não pôde soltar o nome de Rubião

Para pensar: Sofia não quer Rubião, mas não suporta dá-lo à prima: o que o narrador diz sobre esse ciúme e o que ele deixa em aberto?

CAPÍTULO LXXXVIII: O MAJOR E O CONSELHO DE CASAR

Rubião não acha Carlos Maria em três idas à Rua dos Inválidos. O Major Siqueira elogia a casa e aconselha-o a casar. D. Tônica, filha do major, faz quarenta anos solteira.

Case-se, e diga que eu o engano

CAPÍTULO LXXIX: A VOZ QUE PERGUNTA

Depois que o major sai, uma voz pergunta se ele não deveria mesmo casar. Rubião só vê o Quincas Borba (cão). Acha absurdo que a pergunta venha dele, ou do espírito do Quincas Borba (filósofo) no corpo do bicho, sorri com desdém e, por via das dúvidas, coça-lhe a nuca.

CAPÍTULO LXXX: PERNAS, UNIDADE E LEITURAS

Rubião decide casar para matar a paixão. Nota que as pernas acompanharam o major sem ele perceber, sente a vida dispersa e passa o tempo lendo Dumas pai e Feuillet.

Boas pernas! pernas amigas! muletas naturais do espírito!

CAPÍTULO LXXXI: AS POMPAS DO CASAMENTO

Antes da noiva, Rubião imagina o casamento: coches antigos, convidados ilustres, o internúncio, valsa e ceia, com as iniciais dele na gola da criadagem.

CAPÍTULO LXXXII: NOIVAS DE TÍTULO COM O ROSTO DE SOFIA

Nos sonhos, Rubião só casa com titulares do almanaque de Laemmert, e todas as noivas acabam com o rosto de Sofia. Chega a pensar na morte do marido dela. O Quincas Borba (cão) repete o conselho.

CAPÍTULO LXXXIII: O PALPITE DE PALHA

Cristiano Palha está de luto pela tia, mãe de Maria Benedita, e elogia a moça. Diz ter um palpite sobre Rubião, que se espanta e recusa.

Creio que você é que casa com ela

Para pensar: Palha repete o palpite e pergunta se Sofia nunca o mencionou: ele só especula ou testa o sócio?

CAPÍTULO LXXXIV: DUAS HIPÓTESES SOBRE SOFIA

Rubião supõe que Sofia quer casá-lo para se descartar dele. Depois decide que ela mentiu ao marido para não dar andamento ao projeto, e recupera a serenidade.

CAPÍTULO LXXXV: VISITA AO FREITAS E AS NOTAS

Entediado, Rubião visita o Freitas, doente, na Praia Formosa. Ao sair, deixa seis notas de vinte mil-réis na mão da mãe do Freitas e vai embora sem esperar agradecimento.

CAPÍTULO LXXXVI: A CAMINHADA ATÉ A SAÚDE

No tálburi, Rubião desce e caminha pela Praia Formosa, pela Gamboa e pela Saúde. Sente nostalgia dos farrapos e da vida escassa, mas a sensação dura pouco.

Era tão bom não ser pobre!

CAPÍTULO LXXXVII: A MOÇA DA SAÚDE

Rubião cruza com uma moça pobre e um menino e pensa em mulheres que poderia escolher para casar. Pensa até na filha do major, mas ouve a guitarra do pecado, tangida pelos dedos de Sofia, e perde a castidade do plano.

ouvia a guitarra do pecado, tangida pelos dedos de Sofia

CAPÍTULO LXXXVIII: UMA NOTA DEMAIS

A vista do tálburi lembra Rubião do Freitas.

CAPÍTULO LXXXIX: O COCHEIRO E O MOÇO DA RUA DOS INVÁLIDOS

O cocheiro supõe que Rubião foi a um encontro amoroso e conta de um moço da Rua dos Inválidos, de bigodes e olhos grandes, que entrou numa casa da Rua da Harmonia, onde uma dama de véu chegou depois, sozinha.

TEMA CENTRAL

O capítulo LXXVII abre com Sofia incapaz de dizer o nome de Rubião e o LXXXIX fecha com o cocheiro a falar de um moço da Rua dos Inválidos. Entre os dois, tudo gira em torno de Rubião: o conselho do major, a voz do cão, o casamento sonhado, o palpite de Palha. Tudo o empurra para casar, e tudo o devolve a Sofia, que reaparece no rosto de cada noiva do almanaque.

A frase “Case-se, e diga que eu o engano” faz o percurso mais curioso destes capítulos. Nasce na boca do major sem ironia, volta como voz sem dono, e depois como latido na imaginação de Rubião. O que era conselho de um velho sobre a casa sem alma vira a ordem do espírito do amigo morto, e Rubião a obedece em pensamento, nunca em ato. A loucura aqui não é um surto, é o hábito de ouvir o desejo falando por outra voz.

A Praia Formosa é o contraponto do luxo imaginado nos capítulos LXXXI e LXXXII. Rubião dá seis notas à mãe do Freitas sem pensar, e logo conta uma ou duas a mais. Sente nostalgia do farrapo, e o feiticeiro que anda nele troca a sensação por outra. O cocheiro, que fecha a sequência, dá a Rubião um quadro do rival que ele andava procurando, e é um quadro que Rubião ainda não sabe ler.

CAPÍTULOS XC A CTI: A SUSPEITA E A CANDIDATURA DE RUBIÃO

CAPÍTULO XC: FORMIGAS MORTAS E UMA CIGARRA

Em casa, de luto, **Rubião** não esquece o cocheiro e imagina **Sofia** entrando na Rua da Harmonia. Vexado, mata formigas, e uma cigarra o distrai.

põe uma cigarra viva ao pé de vinte formigas mortas, para compensá-las

CAPÍTULO XCI: RUBIÃO QUASE DÁ A MÃO A BEIJAR

Rubião disfarça a inquietação e, ao ver os habituados, tem o impulso de lhes dar a mão a beijar.

CAPÍTULO XCII: SOFIA E A COMISSÃO DE SENHORAS

No Flamengo, **Sofia** recebe **Rubião** entre as costureiras do luto e lhe fala da comissão pelas Alagoas, que a porá em evidência. **Maria Benedita** está no andar de cima.

CAPÍTULO XCIII: DONDON E A RUA DA HARMONIA

Sozinho com as costureiras, **Rubião** ouve **Cristiano Palha** ao longe. Dondon, ao sair, diz que vai dar na Rua da Harmonia.

CAPÍTULO XCIV: RUBIÃO FOGE SEM CHÁ

Transtornado, **Rubião** recusa chá e tílbur e sai, enquanto **Cristiano Palha** agradece ao diretor do banco. **Sofia** nota a mão fria dele.

CAPÍTULO XCV: ATRÁS DO VULTO NA RUA DO PRÍNCIPE

Rubião corre atrás de um vulto de mulher que toma pela costureira e esbarra num homem sem pedir desculpa.

CAPÍTULO XCVI: O DIRETOR DO BANCO E OS RAPAPÉS

O homem é o diretor do banco, humilhado antes pelo ministro e restaurado pelas medidas de **Cristiano Palha**. Por isso nem se zanga.

agora o que ele ruma saporosamente são os rapapés de Cristiano Palha

Para pensar: Por que um capítulo inteiro para o diretor do banco?

CAPÍTULO XCVII: A COSTUREIRA E O CRUZEIRO

Rubião vê Dondon sair com um homem e, da janela, sonha com o que poderia ter sido, até pensar na ordem honorífica do Cruzeiro.

CAPÍTULO XCVIII: BILHETE DE SOFIA E O JARDIM

Sofia manda saber como ele passou. **Rubião** responde e se demora entre as flores, que parecem pedir-lhe que ponha fim ao desejo.

Alma sem vigor, acaba de uma vez com o teu desejo

Para pensar: As flores falam ao desejo de Rubião: quem fala aqui, ele ou o narrador?

CAPÍTULO XCIX: A CARTA ACHADA NO CANTEIRO

Rubião acha uma carta com a letra de **Sofia** para **Carlos Maria**, resiste a abri-la e decide entregá-la, para ler a verdade no rosto dela.

CAPÍTULO C: CAMACHO PROPÕE A CANDIDATURA

Almoçando só, **Rubião** recebe **Camacho**, que lhe oferece uma candidatura a deputado e o faz imaginar o juramento na Câmara.

CAPÍTULO CI: O ENTERRO DE FREITAS

Rubião custeia o enterro de Freitas e, por causa do coupé, os curiosos o tomam por homem de posição.

Parece que é senador ou desembargador, ou coisa assim

Para pensar: O que muda no tratamento de Freitas morto quando chega o coupé de Rubião?

CAPÍTULO CII: OS CAVALOS DO MINISTRO

De noite, **Rubião** cruza com o coupé de um ministro e fica a ouvir os cavalos das ordenanças, mesmo depois de distantes.

TEMA CENTRAL

Estes capítulos giram em torno de uma suspeita que ninguém confirma nem desfaz. **Rubião** transforma a anedota do cocheiro numa suspeita que oscila e passa os capítulos procurando provas, nas costureiras, na carta achada, no rosto de **Sofia**. O desejo cria o indício: cada formiga morta e cada vulto de mulher confirmam o que ele já decidiu temer.

O capítulo do diretor de banco é o centro social destes capítulos. O homem que se humilhara diante do ministro se refaz diante de Palha, e a deferência passa de mão em mão, servil para cima e senhorial para baixo. No enterro de Freitas, o coupé coloca Rubião nessa escala pelo lado de cima, sem que ele perceba o jogo, e o capítulo seguinte o mostra ouvindo os cavalos de um ministro.

Camacho aparece como o outro modo de explorar Rubião: oferece a Câmara, fala em princípios e em sacrifício, cobra fidelidade e vende grandeza. O mesmo Rubião que mal sustenta a dúvida sobre Sofia

fica, diante dele, subjugado, e a vertigem do juramento imaginado retoma a ambição política que Camacho já lhe acenara antes.

CAPÍTULOS CIII A CXIII: A CARTA DEVOLVIDA E OS DEZ CONTOS

CAPÍTULO CIII: RUBIÃO DIZ TUDO NO FLAMENGO

Depois da missa de sétimo dia, Rubião leva a carta a Sofia e despeja o que sente, cada vez mais alto, até ela lhe tapar a boca.

Foi a minha desgraça aquela viagem

CAPÍTULO CIV: A CARTA ENTREGUE E A SAÍDA

Sofia pede arrependimento. Rubião recusa, entrega-lhe a carta endereçada a Carlos Maria e, mesmo vendo-a empalidecer, sai sem ouvi-la.

CAPÍTULO CV: SOFIA, A CIRCULAR E O MANDARIM

Sozinha, Sofia descobre que era a circular da comissão, pensa em Carlos Maria e, de raiva de si, quebra o mandarim de porcelana.

Pobre mandarim! não lhe valeu ser de porcelana

Para pensar: Sofia quebra o mandarim sem saber como o pegou: contra quem é a raiva?

CAPÍTULO CVI: O NARRADOR DEFENDE O COCHEIRO

O narrador diz ao leitor que o cocheiro não deu nomes nem contou caso verdadeiro: a calúnia foi do leitor e de Rubião.

CAPÍTULO CVII: A QUARTA CAUSA DE CARLOS MARIA

O narrador diz que as reflexões de Sofia tinham fundo de verdade e acrescenta uma quarta causa: talvez Carlos Maria tivesse outros amores.

CAPÍTULO CVIII: CINCO CONTOS E O PEDIDO DE DEZ

Afastado meses do Flamengo, Rubião assina cinco contos na subscrição de Sofia e pede dez a Cristiano Palha, que guarda seus títulos, aconselha cautela e acaba cedendo.

assistia aos rombos feitos na caravela, sem temporal, mar de leite

Para pensar: O conselho de Palha é zelo pelo amigo ou controle sobre o capital?

CAPÍTULO CIX: SONHO COM SOFIA E LUÍS NAPOLEÃO

Rubião sonha que Cristiano Palha açoita Sofia e Maria Benedita, manda enforcá-lo e sai em carruagem triunfal com Sofia e o Quincas Borba (cão).

CAPÍTULO CX: EMPRÉSTIMOS E O ARTIGO DE CAMACHO

Rubião faz os empréstimos, paga o papel da Atalaia a Camacho e ouve dele um artigo que adverte o partido contra seus aliados.

CAPÍTULO CXI: A EMENDA DO ARTIGO

Rubião aplaude o artigo e sugere reforçar uma palavra. Camacho objeta ao som, mas aceita, e o amigo se sente meio autor.

CAPÍTULO CXII: O SUMÁRIO QUE O LIVRO NÃO TEM

O narrador lamenta não ter dado ao livro o método dos sumários antigos, em que o título já diz o que há no capítulo.

CAPÍTULO CXIII: RUBIÃO AUTOR DE LIVROS ALHEIOS

O narrador resume num título imaginário a operação mental: Rubião, satisfeito com a emenda, ruminou tantas frases que se teve por autor do que lera.

Rubião se teve por autor de muitas obras alheias

Para pensar: Por que o narrador dispensa a análise e resume tudo num título?

TEMA CENTRAL

O encontro do Flamengo é a cena em que Rubião diz tudo e não ouve nada. Declara-se em voz alta, entrega a carta e sai quando Sofia pede que a abra, de modo que ela fica com a circular na mão e ele com a certeza de ter sido enganado. O capítulo seguinte vira o foco para Sofia sozinha e mostra o que a move: a lembrança de Carlos Maria e a raiva de si, que o mandarim quebrado materializa.

O capítulo CVI reabre a anedota do cocheiro: o narrador diz ao leitor que a calúnia foi dele e de Rubião. O CVII soma uma quarta causa às três que Sofia imaginou para o fracasso com Carlos Maria. O livro desmonta a suspeita que ele mesmo deixou crescer e ensina a ler com pausa.

O dinheiro entra pela mão de Cristiano Palha, que guarda os títulos, conhece a soma total e vê o capital diminuir, mas acaba cedendo os dez contos. O destino do dinheiro aparece dois capítulos adiante, no CX: a conta da Atalaia entregue a Camacho. O sonho imperial e a emenda do artigo mostram a ambição de Rubião se alimentando de vaidade, até o fecho em que ele se tem por autor de livros alheios.

CAPÍTULOS CXIV A CXVIII: O NOIVADO DE MARIA BENEDITA

CAPÍTULO CXIV: O TÍTULO QUE NÃO CABE

Capítulo de uma só frase: o narrador diz não saber se o capítulo seguinte poderia estar todo no título. Serve de pausa e de piscadela ao leitor antes da cena do aniversário.

CAPÍTULO CXV: O BRILHANTE DE ANIVERSÁRIO E A NOTÍCIA

Rubião evita Sofia, mas pede dois contos a Cristiano Palha e manda a Sofia um brilhante de aniversário. Depois do jantar, mais firme, ouve dela a explicação da carta, com uma lágrima, e a notícia de que Maria Benedita vai casar.

Aquele homem adora-me

Para pensar: Rubião achava a carta de Sofia e decidira não voltar a vê-la: por que acredita tão depressa na lágrima dela?

CAPÍTULO CXVI: RUBIÃO DÁ OS PARABÉNS À NOIVA

Rubião percebe que o noivo de Maria Benedita é Carlos Maria, e que tomara uma pessoa por outra. Já planeja carruagem e presente, dá os parabéns à moça, que cora de contentamento, e a olha sair como quem vê uma filha.

CAPÍTULO CXVII: O CHARUTO E O PADRE CHAGAS

O narrador promete a história curta do casamento de Maria Benedita e diz que, sem a epidemia das Alagoas, talvez não houvesse casamento: as catástrofes são úteis. Conta então o caso do bêbado que pede licença para acender o charuto no incêndio da choupana.

não é preciso estar embriagado para acender um charuto nas misérias alheias

CAPÍTULO CXVIII: DONA FERNANDA ARRANJA O CASAMENTO

Maria Benedita ama Carlos Maria desde o baile da Rua dos Arcos e cala o segredo. Com a comissão das Alagoas, Dona Fernanda, prima dele, torna-se sua amiga e decide casá-la com o primo. Depois, na chácara, arranca-lhe a confissão sem nome: ama como se ama a Deus.

Gosto dele, como gosto de Deus, que está no Céu

Para pensar: Maria Benedita diz amar Carlos Maria como se ama a Deus, sem esperar resposta: o livro mostra aí uma forma de amor ou uma forma de abdicação?

TEMA CENTRAL

Estes capítulos trocam o drama de Rubião por uma história lateral, e o narrador avisa que é lateral: abre com um capítulo sem assunto, interrompe-se com o conto do bêbado e só depois conta como o

casamento nasceu. A digressão tem função. O conto do Padre Chagas diz que a desgraça alheia pode ser aproveitada com toda a cortesia, e a epidemia das Alagoas faz exatamente isso por Maria Benedita: sem ela, talvez não houvesse casamento.

Rubião lê tudo pelo avesso. Sofia, ao receber o brilhante, pensa que o homem a adora, e ele, ao jantar, acredita na lágrima que ela deixa escorrer até o canto da boca. O engano sobre o noivado é do mesmo tipo: o que parecia ser com uma pessoa era com outra. É a aparência decidindo o que ele acha que sabe, enquanto o dinheiro (dois contos pedidos ao sócio, um brilhante, planos de carruagem) paga as consequências.

Maria Benedita é o contraponto de Sofia. A prima mede o presente no espelho e guarda a joia; a moça adora em silêncio, ao ponto de dizer que ama como se ama a Deus. Dona Fernanda desfaz a poesia em nome do casamento (um marido, ainda mau, vale mais que o sonho), e o desejo, nos dois casos, parte de quem deseja: Sofia contempla a si mesma, e Maria Benedita adora um deus que o texto mostra que ela construiu sozinha.

CAPÍTULOS CXIX A CXXXII: CASAMENTO, RUPTURA E O MAJOR OFENDIDO

CAPÍTULO CXIX: DÚVIDA OU DÍVIDA NO DISCURSO

Teófilo, marido de **Dona Fernanda**, chega arrasado: o jornal trocou dúvida por dívida em seu discurso. Consolado, adivinha que **Maria Benedita** gosta de **Carlos Maria**.

CAPÍTULO CXX: A CONFIDÊNCIA NA SAÍDA DA MISSA

Na saída da missa, **Dona Fernanda** conta ao primo **Carlos Maria** que alguém o adora em segredo e, por fim, diz que é **Maria Benedita**. A prevenção dele vira simpatia, e nasce o namoro.

Que bom que era sentir-se um deus adorado

Para pensar: Carlos Maria achava a moça fria e passa a gostar dela ao saber que é amado: o que isso sugere sobre a origem do afeto?

CAPÍTULO CXXI: RUBIÃO CONFIA NA LÁGRIMA DE SOFIA

Rubião se tranquiliza com o casamento, atribui ao acaso as olhadas de **Sofia** e se agarra à lágrima dela. O narrador avisa: há delitos virtuais que dormem.

CAPÍTULO CXXII: CARLOS MARIA A CAVALO, NOIVO

Na manhã do casamento, **Carlos Maria** passeia a cavalo e vê na natureza a homenagem nupcial. Um papagaio interrompe, e ele se imagina fazendo a mulher feliz.

CAPÍTULO CXXIII: O MESMO QUADRO NA JANELA DA NOIVA

À janela, diante das ondas, **Maria Benedita** se vê ajoelhada aos pés do marido e pensa que ele a

fará feliz: mesmo quadro do noivo, outro pensamento.

Oh! como ele me fará feliz!

Para pensar: Noivo e noiva veem, cada um da sua janela, o mesmo quadro: o que a simetria sugere sobre o casamento que começa?

CAPÍTULO CXXIV: DESPEDIDA NO PAQUETE

Os noivos casam e, três meses depois, partem para a Europa. **Dona Fernanda** os despede sem chorar, contente de os ver felizes.

CAPÍTULO CXXV: SOFIA DOENTE, ENTRE LEMBRANÇAS

Sofia finge-se doente e não vai a bordo. No quarto, entre presentes de **Rubião**, recorda a frase dele sobre fazê-la imperatriz e lê numa página de romance a frase de que ele merece ser amado, e se perde em si mesma.

espere que ainda a farei imperatriz

CAPÍTULO CXXVI: PALHA PEDE CONVERSA

Rubião e **Cristiano Palha** voltam do paquete cuidadosos e calados. Palha diz que há tempos quer falar-lhe de coisa importante.

CAPÍTULO CXXVII: RUBIÃO NAVEGA DE COR

Na primeira vez que entra num paquete, **Rubião**, sem noções de geografia, imagina o mar e os países além da barra e viaja de cor.

CAPÍTULO CXXVIII: PALHA PROPÕE SEPARAR A SOCIEDADE

Cristiano Palha, apoiado em **Camacho**, diz que vai liquidar o negócio para dirigir um banco e quer desfazer a sociedade já. **Rubião** pergunta se há motivo oculto, e aceita a razão.

Pois não pagues, e vê se te não fica ainda mais

Para pensar: Rubião pergunta se há rompimento de amizade e se contenta com a resposta de Palha: o que a torna convincente para ele?

CAPÍTULO CXXIX: O BANCO QUE NÃO EXISTIA

O narrador revela que não havia banco: Palha inventou a razão porque a verdade não serviria. Prospera com ações, apólices e fornecimentos de guerra e já pensa em palacete e baronia.

CAPÍTULO CXXX: O MAJOR SE QUEIXA DOS PALHA

Na Rua dos Barbonos, o Major Siqueira se queixa de que os Palha não o convidaram ao aniversário nem ao casamento. Rubião fala em confusão, e D. Tônica tenta amenizar.

Quem nunca comeu azeite, quando come se lambuza

Para pensar: O major vê desprezo onde Rubião vê confusão: quem lê melhor a mudança dos Palha?

CAPÍTULO CXXXI: JANTAR PROMETIDO, SEM CONVITE

Rubião trata pai e filha com simpatia, evita defender os Palha e promete jantar sem convite. D. Tônica o vê sair da janela.

CAPÍTULO CXXXII: CONSERVAS E O VESTIDO ADIADO

Rubião sai, e D. Tônica propõe comprar conservas para o jantar dele com o dinheiro do vestido, que adia. O pai relê o único romance da casa.

Há de haver; eu espero, papai

TEMA CENTRAL

Estes capítulos fecham o romance de Maria Benedita pela mão de Dona Fernanda, que age por piedade e por gosto de mandar, e deixa o resultado à vista do leitor: o casamento nasce de uma confidência arrancada, da vaidade de Carlos Maria, que gosta de sentir-se um deus adorado, e de um quadro que noivo e noiva veem de lados opostos. O narrador fecha com o seu juízo: tal foi o início, tal o desfecho, e assim são os homens.

Os capítulos CXXXVI a CXXXIX são os mais frios desta sequência: Palha desfaz a sociedade com Rubião inventando um banco, e o narrador entrega a verdade ao leitor na cena seguinte. Rubião, que pergunta se há motivo oculto, aceita a razão porque ela vem embrulhada em afeto: Palha lembra que o casamento de Maria Benedita devia ser com ele. O dinheiro entra pela porta da amizade, e a lealdade de Palha fica medida pelo que lhe convém.

A cena do major é o espelho da cena de Rubião. Siqueira lê desprezo na frieza dos Palha, e Rubião, que tem o mesmo dado diante de si, escolhe falar em confusão. O texto dá razão ao major no pormenor (os convites esquecidos, o coupé), e a casa pobre de D. Tônica, que adia o vestido para servir conservas, mostra quem paga a distância entre os Palha e os antigos amigos.

CAPÍTULOS CXXXIII A CXLVII: COMENSAIS, TIJUCA E BARBA IMPERIAL

CAPÍTULO CXXXIII: A LENDA E OS COMENSAIS

A lenda de Rubião, rico e discípulo de filósofo, atrai comensais, que lhe devem dinheiro e jantam às seis em ponto, com ou sem o dono.

Roíam fome, à espera, e ouviam calados e risonhos os discursos do anfitrião

Para pensar: A lenda chama os convivas de discípulos, mas o texto diz que eram só de boa vontade: o que eles recebem e dão em troca?

CAPÍTULO CXXXIV: CHARUTOS E OS DOIS BUSTOS

Sem o dono em casa, os convivas vão ao gabinete pegar charutos e encontram sobre a secretária os bustos de Napoleão I e Napoleão III.

CAPÍTULO CXXXV: PROTETOR DAS LETRAS

Rubião protege as letras, paga duas sociedades rivais, uma católica e uma protestante, sem notar, e assina jornais sem lê-los.

CAPÍTULO CXXXVI: O COBRADOR

O cobrador recebe o semestre e comenta na rua que aquele homem detesta a folha e paga, enquanto tantos a adoram e não pagam.

CAPÍTULO CXXXVII: VISÕES NA LOJA DO BERNARDO

Sentado na loja do Bernardo, **Rubião** gasta as manhãs em visões deliciosas. Uma vez levanta-se para ver alguém que não existe e reconhece a ilusão.

CAPÍTULO CXXXVIII: SOFIA DEPURA AS AMIZADES

Sofia, louvada pela imprensa, corrige o marido servil e corta as amizades modestas, até passar pelos velhos conhecidos de olhar desviado.

Acabara a lua-de-mel da grandeza; agora torcia os olhos duramente para outro lado

Para pensar: Machado responde à leitora impaciente que Sofia comia bem e dormia largo e fofo: o que essa resposta revela e o que deixa de dizer?

CAPÍTULO CXXXIX: O CONVITE À TIJUCA

Rubião convida **Sofia** à Tijuca, só os dois. Ela adia para o domingo seguinte e imagina o passeio a cavalo, com um beijo na nuca.

CAPÍTULO CXL: O CORCEL DA IMAGINAÇÃO

A imaginação de **Sofia** é comparada a um corcel que galga morros e volta à cavalaria.

um corcel brioso e petulante, capaz de galgar morros e desbaratar matos

CAPÍTULO CXLI: AS ROSAS DO JARDIM

Esfriado o ardor, **Sofia** adia o passeio, atira as linhas na cestinha que Rubião lhe dera e ouve de duas rosas que a culpa é dela.

CAPÍTULO CXLII: CONVERSAR COM OS BOTÕES

Sofia ouve outras plantas e recebe a mesma resposta; o narrador diz que conversar com os botões tem sentido real.

CAPÍTULO CXLIII: A QUEDA DO CAVALO

No passeio à Tijuca, os três vão juntos. Na descida, **Sofia**, distraída, chicoteia o cavalo com raiva e cai de amazona.

CAPÍTULO CXLIV: O JOELHO E O JURAMENTO

Em casa, **Sofia** mostra o joelho pisado ao marido e quer jurar que nada se viu. **Cristiano Palha** jura e brinca com a perna dela.

CAPÍTULO CXLV: O BARBEIRO LUCIEN

Em janeiro de 1870, **Rubião** chama o barbeiro Lucien e, em marcha para a lua, nem o vê chegar ao gabinete dos Napoleões.

CAPÍTULO CXLVI: A BARBA DE NAPOLEÃO III

Lucien deixa a **Rubião** só a pêra e os bigodes, copiando o busto de Napoleão III. Rubião, satisfeito, paga vinte mil-réis sem troco.

respondendo-lhe em português, cuidava falar francês

Para pensar: Rubião responde em português ao barbeiro francês e acredita falar francês: onde termina o engano e começa o delírio?

CAPÍTULO CXLVII: RUMO À LUA, POR COMPIÈGNE

Sozinho, **Rubião** se imagina em Compiègne, governando e ouvindo ministros. Nem os ganidos do **Quincas Borba (cão)** o despertam.

TEMA CENTRAL

Duas curvas correm lado a lado. **Rubião** acumula comensais, bustos e uma lenda de riqueza, e **Sofia** aprende a podar as amizades humildes e a vigiar o marido. A casa de Botafogo vira palco: o jantar às seis em ponto serve aos convivas, não ao dono, e a secretária com os dois Napoleões mostra o que ele passa a admirar.

Dos bustos à barba há um deslizamento: de admirar Napoleão III, Rubião passa a copiar-lhe o rosto. O capítulo do barbeiro não declara loucura. Diz que ele responde em português e cuida falar francês, e o delírio entra como detalhe de comédia antes de ser diagnóstico. A imaginação que nos capítulos anteriores o salvava do ócio vira aqui a porta de outra identidade.

Sofia ocupa o outro polo. A imaginação dela galopa até a Tijuca e volta à cavalaria, as rosas e os botões dão voz a uma consciência que o texto nunca fala diretamente, e as linhas atiradas na cesta, lembrança de Rubião, marcam o desejo que esfria. O desejo e o desdém convivem nela, enquanto **Cristiano Palha**, na cena do Joelho, jura pelo que há de mais sagrado e se orgulha de possuir a mulher.

CAPÍTULOS CXLVIII A CXLIX: O DELÍRIO NO COUPÉ DE SOFIA

CAPÍTULO CXLVIII: RUBIÃO SEM BARBA E O IMPERADOR

Descido da lua, **Rubião** vê-se de rosto novo, e todos o aprovam. Só **Camacho** defende que não se altera o rosto. Rubião alterna entre si mesmo e o imperador dos franceses.

Equilibravam-se, um sem outro, ambos integrais

Para pensar: Camacho faz da própria cara uma necessidade moral e diz que sua vida a reproduz: o que esse argumento revela dele, e o que tem a ver com Rubião?

CAPÍTULO CXLIX: A LUVA CAÍDA

No fim da semana, **Rubião** visita **Sofia** para saber do Joelho. Ela acha o rosto novo melhor e supõe ser a causa. Ao apanharem a luva, as caras se batem no ar, e os dois riem.

CAPÍTULO CL: RUBIÃO ENTRA NO COUPÉ

Sofia aceita a mão de **Rubião** para subir ao coupé e vai dizer até logo, mas ele entra atrás e senta-se ao lado dela. O lacaios fecha a portinhola, e o carro parte.

CAPÍTULO CLI: AS CORTINAS BAIXAS

Sofia perde a voz, pede que o carro pare, mas teme o escândalo. Na Rua Bela da Princesa, **Rubião** baixa as cortinas, para que ninguém os veja, e fica calado ao lado dela.

CAPÍTULO CLII: REPUGNÂNCIA E SÚPLICAS

Sofia sente aversão, pensa em contar tudo ao marido e pede que **Rubião** desça, oferecendo até ajoelhar-se. Ele, tranquilo, elogia a própria mãe e os cavalos. Ela não entende por que ele entrou.

incompatibilidade da epiderme

CAPÍTULO CLIII: O AMANTE IMAGINÁRIO E A DUQUESA

Rubião fala a Sofia como amante, evoca um encontro na caleça e a soleira beijada, pede que o chame de Luís. Promete título de duque ao marido dela, oferece o solitário, que ela recusa, e apeia.

Delírio, sim, é o que era; tinha a sinceridade da palavra, como pessoa que vê ou viu realmente as coisas que relata

Para pensar: Rubião narra com minúcia um encontro que o texto chama de história não sucedida: de que é feito esse delírio, e por que o relato soaria verdadeiro a quem o ouvisse?

CAPÍTULO CLIV: DOIS CONTRASTES NA RUA

Separados, Rubião volta à realidade e tenta sacudir a personalidade emprestada. Sofia, passado o susto, mergulha no devaneio e imagina, com saudade, quem seria o homem da caleça.

CAPÍTULO CLV: A NOTÍCIA DA MANIA

Espalha-se a notícia da mania de Rubião. Alguns testam o boato levando a conversa à França e ao imperador, e ele resvala ao abismo e os convence.

CAPÍTULO CLVI: A GUERRA E A MESA DE LUCULO

Com a guerra franco-prussiana, as crises de Rubião ficam mais agudas e frequentes. Ele lê toda notícia como vitória. Os comensais, promovidos a marechais, não o contrariam, e a mesa pobre lhe parece régia.

Luculo ceava sempre com Luculo

CAPÍTULO CLVII: A COMPAIXÃO DE SOFIA

Sofia, vendo no mal de Rubião o efeito do amor por ela, sente uma compaixão feita de simpatia e egoísmo. Evita outra cena de coupé, escuta-o nas horas lúcidas e perdoa-lhe, crendo-se autora do mal.

CAPÍTULO CLVIII: A CARTA DE MARIA BENEDITA

Dona Fernanda pergunta por que ninguém trata Rubião. Cristiano Palha minimiza, e o deputado Teófilo sugere um curador. A carta de Maria Benedita, feliz e mãe, deixa Sofia com despeito, que ela disfarça.

CAPÍTULO CLIX: A MANHÃ CHUVOSA

Na manhã de chuva, Sofia revolve a carta, Carlos Maria, Maria Benedita, D. Fernanda e o olhar admirado de Teófilo no vestido cor de palha. Os nomes relampejam no céu de possibilidades.

deixou-se estar sinceramente defunta

Para pensar: Sofia se pergunta por que não reteve nenhum dos nomes que lhe passaram: o que a pergunta mostra sobre o que ela deseja?

TEMA CENTRAL

O delírio de Rubião, até aqui um devaneio de gabinete, sai para a rua e entra no coupé de **Sofia**. O texto o dá com a força de um relato verdadeiro: Rubião fala com sinceridade de um encontro que nunca houve, e a mania logo se espalha, com os comensais disfarçados de marechais e uma mesa pobre que lhe parece régia. A doutrina do finado amigo volta em frases que ele não entendia antes, e o narrador deixa a pergunta sem resposta.

Sofia não é só testemunha. Da repugnância no carro ela passa ao devaneio, em que as histórias falsas de Rubião lhe dão saudades, e à compaixão de quem se crê causa do mal. A vaidade dela se alimenta da loucura dele, e a mesma imaginação que galopava nos capítulos anteriores volta agora a mexer com nomes do passado.

O fim desta sequência dobra a mesa de Rubião sobre a casa de Sofia: em um, a realidade cede à imaginação por perda da razão, no outro, por tédio e despeito. A carta de **Maria Benedita** traz uma felicidade que Sofia lê com despeito, e a chuva fecha o céu e o mar num só cinza, que é onde o capítulo CLIX deixa os nomes relampejando.

CAPÍTULOS CLX A CLXXI: SOFIA RECUA, RUBIÃO DELIRA

CAPÍTULO CLX: O SOL RECUSA LUZ AO DESEJO DE SOFIA

A chuva cessa e um raio de sol rompe o nevoeiro, mas o narrador faz o sol chamá-lo de volta, para não alumiar o desejo de **Sofia**. O céu se fecha de novo.

CAPÍTULO CLXI: O PESADELO DE SOFIA

Reclusa, **Sofia** lê a Revista dos Dois Mundos e dorme. Sonha que **Carlos Maria** é morto diante dela e acorda aos gritos; **Cristiano Palha** se comove.

CAPÍTULO CLXII: O PASSEIO QUE APAGA OS CUIDADOS

No dia seguinte, claro e quente, **Sofia** sai a visitas e passeio. A agitação da Rua do Ouvidor lhe espanta da alma os cuidados da véspera.

CAPÍTULO CLXIII: VONTADE REDUZIDA A VELEIDADE

O que parecia vontade imperiosa em **Sofia** vira veleidade. O narrador diz que o pecado de pensamento vira costume, com refúgio moral no corpo sem mácula.

Os simples pecados de pensamento são sujeitos a essa mesma alteração

Para pensar: O desejo de Sofia vira veleidade em poucas horas, com refúgio moral no corpo sem mácula: o que esse refúgio protege?

CAPÍTULO CLXIV: FUGA DE RUBIÃO E INSISTÊNCIA DE SOFIA

Sofia foge de Rubião numa livraria e o encontra no saguão de Dona Fernanda, que acha que ele pode sarar. Cristiano Palha reclama do incômodo, mas Sofia insiste.

CAPÍTULO CLXV: A CASA DA RUA DO PRÍNCIPE

Cristiano Palha instala Rubião e o Quincas Borba (cão) numa casinha da Rua do Príncipe. Os amigos de Botafogo sentem a mudança como exílio e ouvem de Palha que o amigo precisa de repouso.

Era mais que separação, era desarticulação.

Para pensar: Os amigos de Rubião não se ligavam por amizade nem estima, mas padecem com a separação: o que os unia?

CAPÍTULO CLXVI: O ABANDONO DOS AMIGOS

Rubião nota que os amigos não o seguiram à casa nova e, nas primeiras semanas, sente-se abandonado. Procura algum mal que lhes tenha feito e não acha.

CAPÍTULO CLXVII: O DIAGNÓSTICO DO DR. FALCÃO

O Dr. Falcão, deputado e médico, examina Rubião a pedido de Dona Fernanda e crê que ele pode sarar. Pelo delírio, conclui que ele e Sofia se amaram, e a suspeita se volta contra Dona Fernanda.

CAPÍTULO CLXVIII: A DESCONFIANÇA QUE A NOITE NÃO APAGA

O Dr. Falcão mantém na manhã seguinte a suspeita sobre Dona Fernanda e parafraseia Hamlet: ali andou dedo de amor. Discreto, não conta a ninguém.

CAPÍTULO CLXIX: A VOLTA DE CARLOS MARIA E MARIA BENEDITA

Carlos Maria e Maria Benedita voltam ao Rio, e Dona Fernanda os leva à Tijuca. Maria Benedita diz que são felizes; Carlos Maria se irrita com a confidência.

Creio que mais, porque eu o adoro!

Para pensar: Por que Carlos Maria se incomoda ao adivinhar que a mulher confidenciou a outra a própria felicidade?

CAPÍTULO CLXX: O SORRISO PÁLIDO E O PERDÃO

A sós, **Maria Benedita** pergunta o que o marido tem, e **Carlos Maria** só sorri. Ela se culpa pela tagarelice e promete ser menos expansiva; ele a absolve com um gesto.

CAPÍTULO CLXXI: RUBIÃO INVADE A SALA DO CASAL

Rubião aparece na varanda, anuncia a queda do Ministério e oferece uma pasta a Carlos Maria. Sai gesticulando pelo jardim, e **Maria Benedita** não contém o riso.

Preciso de um bom gabinete, todo gente amiga e forte, capaz de dar a vida por mim.

TEMA CENTRAL

Estes capítulos abrem com o desejo de Sofia contido pelo próprio texto: o sol manda o raio de volta, o pesadelo termina com o marido ao pé da cama e, no dia seguinte, o narrador a mostra de carro pela Rua do Ouvidor. O que parecia vontade imperiosa vira veleidade, e o corpo sem mácula basta como refúgio moral.

A mudança de Rubião para a Rua do Príncipe expõe o que a casa de Botafogo mantinha: os amigos que viviam à mesa dele sentem o exílio como perda de hábito, não de afeto, e Palha trata o assunto como amolação e responsabilidade. Quem se mostra mais tocada por ele, Dona Fernanda, é justamente quem tem com ele relações menos estreitas e antigas.

O Dr. Falcão faz de Rubião e de Dona Fernanda o mesmo erro em duas etapas: de uma frase do delírio tira um amor, e do amor tira outro. O capítulo mostra como a suspeita se sustenta sozinha, sem prova, no homem que se diz cético.

A volta do casal traz Rubião delirante de volta ao centro: ele aplaude a felicidade dos dois, e eles o recebem sem carinho. O delírio de ministérios e batalhas, com amigos transformados em ministros, mostra o que Rubião ainda deseja: ser cercado de gente que daria a vida por ele.

CAPÍTULOS CLXXII A CLXXXI: TEÓFILO, O MINISTÉRIO E O ABANDONO

CAPÍTULO CLXXII: A QUEDA DO MINISTÉRIO E O PRIMO TEÓFILO

Maria Benedita lembra ao marido que o primo Teófilo pode entrar no novo Ministério e comenta que **Rubião**, parado na rua, olha para cima, à espera de condução.

CAPÍTULO CLXXIII: MINISTRO OU ORDENANÇA

Carlos Maria pede à mulher que confesse que o adoraria mesmo como ordenança de ministro e lhe pergunta, sem explicar, se queria ser rainha-mãe da Suécia. Depois volta à revista inglesa e à estatueta de Narciso.

sobre a famosa estatueta de Narciso, do Museu de Nápoles

CAPÍTULO CLXXIV: RUBIÃO BARRADO E TEÓFILO ABATIDO

Rubião não sobe à casa de **Dona Fernanda**: o criado diz que ela está doente, mas é Teófilo quem chegou abatido, deixado de fora das combinações do novo Ministério. Embaixo, a criadagem conjectura.

CAPÍTULO CLXXV: O GABINETE DE TRABALHO

Teófilo desabafa contra a intriga e mostra a **Dona Fernanda** o gabinete de papéis, onde pergunta de que vale tanto esforço. Ela propõe uma viagem à Europa; ele recusa, mas se anima com a ideia de colheita futura.

escolhe outra coisa, menos ministro

Para pensar: Teófilo diz que pastas não valem nada, mas desaba ao ficar de fora: o que ele espera do trabalho?

CAPÍTULO CLXXVI: A CARTA DO PRESIDENTE DO CONSELHO

Ao almoço, Teófilo recebe por uma ordenança a carta do presidente do conselho, que o convoca para as duas da tarde. Apesar de o gabinete estar completo, as borboletas da esperança voltam a voar diante dele.

CAPÍTULO CLXXVII: A PRESIDÊNCIA DE PRIMEIRA ORDEM

Teófilo volta satisfeito: o marquês lhe pediu que aceite uma presidência de primeira ordem e assuma a chefia da maioria na Câmara. **Dona Fernanda** concorda que ele não podia recusar e o casal prepara a trouxa.

CAPÍTULO CLXXVIII: A DESPEDIDA DOS LIVROS

Dona Fernanda fica no Rio com o filho, separada do marido por quatro meses. Teófilo se despede do gabinete como de santos e amigos, e ela, que promete espanar os livros, sente-se venturosa.

CAPÍTULO CLXXIX: RUBIÃO, O CÃO E A FRIEZA DE CAMACHO

Sem notícia de Dona Fernanda, **Rubião** vive entre o **Quincas Borba (cão)** e um criado a quem ele dá o título de marquês. Quando volta do delírio, procura os amigos, mas **Camacho** o recebe com frieza, e ele se retira magoado.

Era como a ascensão dolorosa que um homem fizesse do abismo

Para pensar: Camacho, que antes falava muito diante de Rubião, agora finge consultar livros para despedi-lo: o que o texto sugere ter mudado entre os dois?

CAPÍTULO CLXXX: O NOIVADO DE DONA TÔNICA

Rubião encontra o Major Siqueira e vai com ele à nova casa, nos Cajueiros. O major anuncia o noivado de Dona Tônica com Rodrigues, viúvo e empregado do Ministério da Guerra, e ela, esquecida de Rubião, já sonha com um filho.

CAPÍTULO CLXXXI: O COCHE NO CAMPO E A PRIMEIRA ROSA DE VERÃO

Durante o discurso do major sobre a batalha de Monte-Caseros, **Rubião** aplaude e promete condecoração ao major, e depois uma fitinha para a casaca do genro. O major o conduz à porta, sem violência mas tenaz, com a história de um coche no Campo, e Rodrigues chega, bem recebido por Dona Tônica.

fresco e delicioso, como a primeira rosa de verão

Para pensar: O major e Dona Tônica afastam Rubião com a história do coche: é crueldade, cuidado ou conveniência?

TEMA CENTRAL

Estes capítulos tratam a ambição política de Teófilo com o mesmo tom que o narrador usa para o delírio de Rubião: a crise de Teófilo vem do Ministério não oferecido, e o remédio é uma presidência de primeira ordem e a chefia da maioria. O gabinete de papéis, tão exato e administrativo, é o que ele despede com saudade, e o narrador nota que Dona Fernanda viveu ali dez minutos, enquanto Teófilo viveu muitos anos.

Dona Fernanda conduz o marido da fúria à esperança sem contradizê-lo: propõe Varsóvia, uma viagem que ele não aceita, e a recusa vira ânimo para continuar. A cena com o filho Nuno, que quer ser ministro porque ministro anda de carro com soldado atrás, fecha a ironia sobre o valor do cargo.

Rubião, enquanto isso, perde interlocutores: um recado trocado pelo criado o afasta de Dona Fernanda, e ele não volta, Camacho o despacha com papéis e pausas, e o major o conduz para a rua com a gentileza de quem espera o genro. Nos dois últimos encontros, o delírio de Rubião esbarra em respostas diferentes, a frieza do advogado e a gentileza firme do major.

Dona Tônica, que requestara Rubião e agora ri de felicidade com um noivo de meia-idade, funciona como contraponto: o texto dá a ela uma conclusão modesta, mas completa, enquanto Rubião se afasta da porta olhando para as janelas.

CAPÍTULOS CLXXXII A CCI: LOUCURA, ABANDONO E A MORTE DE RUBIÃO

CAPÍTULO CLXXXII: O IMPERADOR NA RUA DA AJUDA

Rubião passa gesticulando para uma imperatriz invisível, seguido por moleques que gritam "Ó gira!". A mãe arranca o pequeno Deolindo do grupo.

CAPÍTULO CLXXXIII: O MENINO SALVO E O SALVADOR

O pai de Deolindo reconhece no louco o homem que salvou o filho sob um carro. A mãe se culpa pela zombaria do menino.

Que triste coisa que é perder o juízo!

Para pensar: A mãe se culpa pela zombaria do filho: o livro condena a surriada ou só registra o espanto de quem a viu?

CAPÍTULO CLXXXIV: A RUA VIRA PALÁCIO

Rubião chega à casa de Dona Fernanda ainda imperador, com a rua feita paço. Quem o vê esquece a própria miséria por um instante.

CAPÍTULO CLXXXV: RUBIÃO VAI PARA A CASA DE SAÚDE

Cumprindo enfim a promessa que tardava, Cristiano Palha e o Dr. Falcão internam Rubião numa casa de saúde, e ele os convida para uma revista militar.

CAPÍTULO CLXXXVI: O PALPITE DO DR. FALCÃO

Ao sair, o Dr. Falcão conclui que Rubião foi amante da mulher de Palha.

CAPÍTULO CLXXXVII: O CÃO TRANCADO EM CASA

O Quincas Borba (cão) tenta seguir o dono e é trancado pelo criado. A pedido de Rubião, Dona Fernanda procura Sofia.

a vida, meu rico senhor, compõe-se rigorosamente de quatro ou cinco situações, que as circunstâncias variam e multiplicam aos olhos

Para pensar: O narrador diz que a vida se repete em poucas situações: o que a cena do cão trancado repete de Barbacena?

CAPÍTULO CLXXXVIII: A VISITA À CASA DA RUA DO PRÍNCIPE

Na casa abandonada, Sofia mal disfarça o asco, e Dona Fernanda se comove com o cão magro.

CAPÍTULO CLXXXIX: SOFIA E AS OBRAS DE BOTAFOGO

Livre da casa, Sofia retoma as boas maneiras e convida Dona Fernanda a ver o palacete de Botafogo.

CAPÍTULO CXC: O NASCIMENTO DA FILHA DE MARIA BENEDITA

Dona Fernanda corre à Tijuca para o parto de **Maria Benedita** e **Carlos Maria**, e esquece Rubião por um tempo.

CAPÍTULO CXCI: TRÊS CONTOS E DUZENTOS

O diretor promete a cura em seis ou oito meses. **Sofia** evita a visita e conta que **Cristiano Palha** apurou três contos e duzentos dos bens dele.

CAPÍTULO CXCII: O BAILE DE BOTAFOGO

Passam os meses, e em outubro **Sofia** inaugura os salões de Botafogo com um baile, usando um colar dos primeiros presentes de Rubião.

CAPÍTULO CXCIII: O DESAPARECIMENTO

Chega a carta do diretor: Rubião sumiu da casa de saúde. **Dona Fernanda** consegue que o marido peça buscas à polícia.

CAPÍTULO CXCIV: A LUCIDEZ E OS CEM MIL-RÉIS

Dias antes, **Cristiano Palha** achou Rubião são, deu-lhe cem mil-réis e pediu ao diretor que não precipitasse a alta.

CAPÍTULO CXCV: BARBACENA E AS BATATAS

Rubião e o cão chegam a Barbacena, e ele grita o lema que havia esquecido. Ninguém o recebe.

Ao vencedor, as batatas!

Para pensar: O lema volta a Rubião sem a alegoria, só com o sentido vago de luta e vitória: o que sobra da doutrina sem o sentido?

CAPÍTULO CXCVI: A TEMPESTADE

Uma tempestade desaba sobre Barbacena, e **Rubião** e o cão andam sem destino sob a chuva.

CAPÍTULO CXCVII: A NOITE AO RELENTO

Com fome e frio, os dois vagam a noite toda. **Rubião** toma as estrelas por lustres de salão e adormece com o cão junto de si.

CAPÍTULO CXCVIII: A MANHÃ DAS BATATAS

Ao ver a rua banhada de sol, **Rubião** repete o lema.

CAPÍTULO CXIX: O DELÍRIO DIANTE DA COMADRE

A comadre Angélica o abriga, e **Rubião**, com febre, fala do rei da Prússia capturado. Curiosos se juntam à porta.

CAPÍTULO CC: A MORTE DO IMPERADOR

Rubião morre poucos dias depois, pondo na cabeça uma coroa que só ele vê, e as últimas palavras deixam o lema pela metade.

Guardem a minha coroa

Para pensar: Rubião morre coroadado só para si mesmo: o narrador zomba dessa glória ou a respeita?

CAPÍTULO CCI: A MORTE DO CÃO E O FECHO

O **Quincas Borba (cão)** adoece, foge atrás do dono e amanhece morto na rua. O narrador manda o leitor chorar ou rir.

Se só tens riso ri-te! É a mesma coisa.

TEMA CENTRAL

Estes capítulos opõem duas relações com a loucura de Rubião. A rua e os moleques fazem espetáculo dela, e quem a vê esquece por um instante a própria miséria e agradece ao céu a sua "parte". Já o pai do menino reconhece o homem que salvou o filho, e a mulher só o sabe por ele, e a vergonha do marido, que desvia o rosto para não ser vaiado, mostra a gratidão sem coragem.

Cristiano Palha e **Sofia** aparecem no mesmo registro de cálculo que os trouxe ao romance. Palha ainda empresta cem mil-réis a Rubião, mas já tinha liquidado os bens dele em três contos e duzentos e pede que a alta não se precipite. Sofia, que nem quer ver o amigo, inaugura o baile em Botafogo com o colar que ele lhe deu. D. Fernanda é o contraponto: é a única que olha o cão nos olhos e a quem a casa suja comove.

A volta a Barbacena fecha o círculo aberto no começo do livro. A frase das batatas, que Rubião só entendeu ao herdar, volta no fim como palavra vazia, repetida diante de curiosos que não lhe acham sentido. A coroa invisível e a morte do cão, contada de passagem, mostram que o delírio não consola nem castiga: o narrador, ao mandar chorar ou rir, deixa ao leitor a escolha.

LOUCURA

A loucura entra no livro como dúvida sobre o filósofo, antes de ser o mal de Rubião. No **capítulo X**, a carta em que **Quincas Borba (filósofo)** diz ser Santo Agostinho leva **Rubião** a julgá-lo louco, e ele esconde a carta do médico por medo de que o testamento seja anulado.

No **capítulo XI**, os jornais da Corte registram que o filósofo suportou a doença com filosofia e delirou no fim.

No **capítulo XII**, sem alusão a demência na notícia, Rubião volta a tomar a carta por troca, e o alívio dele mostra quem decide o que é sanidade.

No **capítulo LXXIX**, depois do conselho do major de casar, uma voz pergunta se ele não deveria mesmo casar, e Rubião, que só vê o **Quincas Borba (cão)**, cogita se vem dele, onde estaria o espírito do filósofo, acha absurdo e descarta, mas por via das dúvidas lhe coça a nuca.

No **capítulo CXLVI**, o delírio de Rubião ganha corpo: ele manda cortar a barba pelo busto de Napoleão III e, respondendo em português ao barbeiro francês, cuida falar francês.

No **capítulo CXLVIII**, sem a barba, alterna entre si mesmo e o imperador dos franceses, e o texto diz que os dois se equilibram, cada um inteiro sem o outro.

No **capítulo CLIII**, no coupé de **Sofia**, fala como amante de um encontro que nunca houve, e o texto o dá com a sinceridade de quem viu o que relata.

No **capítulo CLV**, a notícia da mania se espalha, e quem a testa, levando a conversa à França e ao imperador, vê Rubião resvalar ao abismo.

No **capítulo CLVI**, com a guerra franco-prussiana, as crises ficam mais agudas e frequentes. Ele lê toda notícia como vitória, os comensais viram marechais, e a mesa pobre lhe parece régia.

No **capítulo CLXVII**, o Dr. Falcão examina Rubião a pedido de **Dona Fernanda**, crê que ele pode sarar e conclui, pelo delírio, que ele e Sofia se amaram.

No **capítulo CLXXXII**, Rubião passa gesticulando pela Rua da Ajuda para uma imperatriz invisível, seguido por moleques que fazem surriada.

No **capítulo CLXXXIII**, o pai do menino Deolindo reconhece no louco o homem que salvou o filho sob um carro, e a mãe, que dissera não conhecê-lo, se culpa pela zombaria.

No **capítulo CLXXXV**, **Cristiano Palha** e o Dr. Falcão, cumprindo enfim a promessa que tardava, internam Rubião na casa de saúde.

No **capítulo CXCI**, dias antes de Rubião sumir, Palha o achou são, deu-lhe cem mil-réis e pediu ao diretor que não precipitasse a alta.

No **capítulo CXCIX**, na casa da comadre Angélica, com febre, Rubião fala do rei da Prússia capturado, e curiosos se juntam à porta.

No **capítulo CC**, morre pondo na cabeça uma coroa que só ele vê, e as últimas palavras deixam o lema das batatas pela metade.

O livro nunca decide quando a loucura começa. A do filósofo é dúvida que o interesse de Rubião resolve conforme lhe convém, e a do próprio Rubião entra pela comédia, na barba e no francês que ele não fala, antes de qualquer diagnóstico. O que o texto fixa é quem a vê e como cada um a usa: o dinheiro a trata como risco ao testamento, o desejo a ouve na voz de um cão, os comensais a toleram enquanto há mesa, e o casal Palha a interna quando ela se torna incômoda. O delírio dá a Rubião o que a vida não deu, e o narrador deixa em aberto se isso é glória ou ruína.

O pai de Deolindo diz que é triste coisa perder o juízo.

“Que triste coisa que é perder o juízo!”

Capítulos CLXXXII a CCI: Loucura, abandono e a morte de Rubião

A barba copiada do busto traz a primeira confusão de línguas.

“respondendo-lhe em português, cuidava falar francês”

Capítulos CXXXIII a CXLVII: Comensais, Tijuca e barba imperial

O delírio fala com a voz de quem viveu o que conta.

“Delírio, sim, é o que era; tinha a sinceridade da palavra, como pessoa que vê ou viu realmente as coisas que relata”

Capítulos CXLVIII a CLIX: O delírio no coupé de Sofia

A última vitória de Rubião é uma coroa que só ele vê.

“Guardem a minha coroa”

Capítulos CLXXXII a CCI: Loucura, abandono e a morte de Rubião

DINHEIRO E RIQUEZA

O livro abre com Rubião já rico. No **capítulo I**, à janela de Botafogo, ele compara o passado de professor com o presente de capitalista, e tudo, das chinelas ao céu, entra na mesma sensação de propriedade.

No **capítulo X**, ao esconder do médico a carta de delírio do filósofo, Rubião calcula o legado e teme anular o testamento.

No **capítulo XIV**, aberto o testamento, ele é herdeiro universal, com uma só condição: guardar o Quincas Borba (cão) e tratá-lo como pessoa.

No **capítulo XV**, calcula a herança entre cem e trezentos contos e hesita entre brilhar em Barbacena e mudar-se para o Rio.

No **capítulo XXI**, no trem, conta a herança a **Cristiano Palha** e **Sofia**, e Palha, cujos olhos brilharam ao ouvir falar da Europa, reflete e só então pede discrição.

No **capítulo L**, ao ouvir de Sofia o que Rubião fez no jardim, Palha só deixa de minimizar quando ela fala em esfriar o trato, e então confessa que lhe deve muito dinheiro.

No **capítulo LXI**, Rubião, que viera apenas assinar uma folha, entra com cinco contos na Atalaia de **Camacho**.

No **capítulo LXIX**, é sócio de Palha, sem entender os números, por confiança nele, e o texto mostra Sofia dentro da decisão desde o começo.

No **capítulo CVIII**, afastado do Flamengo, assina cinco contos na subscrição de Sofia e pede dez a Palha, que guarda os títulos dele, aconselha cautela e acaba cedendo.

No **capítulo CX**, faz os empréstimos e paga o papel da Atalaia a Camacho.

No **capítulo CXXVIII**, Palha propõe desfazer a sociedade para dirigir um banco, e Rubião aceita a razão e o dispensa de pagar as dívidas.

No **capítulo CXXIX**, o narrador revela que não havia banco: Palha inventou a razão porque a verdade não serviria, e prospera com ações, apólices e fornecimentos de guerra.

No **capítulo CXXXIII**, a lenda da riqueza de Rubião atrai comensais, que lhe devem dinheiro e jantam às seis em ponto, com ou sem o dono.

No **capítulo CXCI**, em bilhete a **Dona Fernanda**, Sofia conta que Palha liquidou os bens dele e apurou três contos e duzentos.

No **capítulo CXCII**, Sofia inaugura os salões de Botafogo com um baile e um colar dos primeiros presentes de Rubião.

Rubião calcula a herança só enquanto ela é promessa. Depois que a tem, o dinheiro passa por ele a caminho de quem sabe contar: Palha conhece a soma e vê o capital diminuir, Camacho recebe pelo papel da folha, os comensais jantam às seis, o casal Palha acaba com o colar e com os três contos e duzentos. O dinheiro é o único assunto em que ninguém no livro fala com rodeios, e o único em que Rubião não faz as contas.

O primeiro capítulo mede o mundo pela propriedade.

“tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade”

Capítulos I a XII: Humanitas e a morte do filósofo

A dívida de Palha vem à tona quando a mulher fala em cortar relações.

“Mas, meu amor, eu devo-lhe muito dinheiro”

O capital vai sendo furado sem que haja temporal.

“assistia aos rombos feitos na caravela, sem temporal, mar de leite”

Rubião dispensa Palha de pagar o que lhe deve.

“Pois não pagues, e vê se te não fica ainda mais”

APARÊNCIA E REALIDADE

No capítulo XXXV, o narrador retrata Sofia e Cristiano Palha: ele gasta tudo e a exhibe decotada, ela gosta de ser vista, mas guarda o coração, e os olhos dela são comparados à lanterna de uma hospedaria sem cômodos para hóspedes.

No capítulo XLII, quando o Major Siqueira surge no jardim, Sofia, serena, inventa a anedota do Padre Mendes para cobrir a demora, e Rubião, desajeitado, sustenta a mentira.

No capítulo LXII, na saída da Atalaia, Rubião cruza com uma baronesa, vê o coupé parado dela e, apesar do próprio luxo, sente-se de novo o antigo professor de Barbacena.

No capítulo LXVII, a notícia do salvamento na Rua da Ajuda irrita Rubião e depois o lisonjeia, e ele acaba reimprimindo a notícia em outro jornal.

No capítulo LXXIV, Carlos Maria reconstrói a véspera na cama e ri da mentira sobre a praia, que ele inventou durante a conversa, pois nem foi lá. Conclui que a emenda seria pior que o soneto.

No capítulo LXXXII, nos sonhos de casamento, Rubião só casa com titulares do almanaque de Laemmert, e todas as noivas acabam com o rosto de Sofia.

No capítulo CI, ao custear o enterro de Freitas, Rubião é tomado por senador ou desembargador por causa do coupé.

No capítulo CV, Sofia descobre que a carta que Rubião lhe entregou era a circular da comissão, pensa em Carlos Maria e quebra o mandarim de porcelana.

No capítulo CVI, o narrador diz ao leitor que o cocheiro não deu nomes nem contou caso verdadeiro: a calúnia foi do leitor e de Rubião.

No capítulo CXV, Sofia pensa, ao receber o brilhante, que aquele homem a adora, e Rubião acredita na lágrima dela na noite do jantar.

No capítulo CXVI, Rubião percebe que o noivo de Maria Benedita é Carlos Maria e que tomara uma pessoa por outra.

No capítulo CXXIX, o narrador revela que não havia banco: Palha inventou a razão para desfazer a sociedade porque a verdade não serviria.

No capítulo CXXXIII, a lenda faz de Rubião discípulo de um grande filósofo e dos comensais discípulos de boa vontade, quando eles são só convivas à mesa.

No capítulo CXLVI, Rubião responde em português ao barbeiro francês e cuida falar francês.

No capítulo CLVI, em plena mania, a mesa já sem prataria lhe parece régia, e as galinhas magras, faisões.

No capítulo CLXIII, o que parecia vontade imperiosa em Sofia vira veleidade, e o narrador diz que o pecado de pensamento se refugia no corpo sem mácula.

No capítulo CLXXXIV, Rubião chega à casa de Dona Fernanda ainda imperador, com a rua feita paço, e quem o vê esquece por um instante a própria miséria.

Em Quincas Borba a aparência não esconde a realidade, a produz: o coupé faz de Rubião senador, a lágrima de Sofia vira prova, a mentira da praia gera um sentimento verdadeiro, o banco que não existe serve de razão para desfazer uma sociedade e a mesa pobre vira régia para quem delira. Em dois capítulos o narrador desmonta a engrenagem, o do cocheiro e o do banco, e entrega o fato ao leitor. Nos outros deixa a aparência funcionar, e o leitor vê a engrenagem sem poder corrigi-la.

O narrador compara os olhos de Sofia à lanterna de uma hospedaria.

“podemos compará-los à lanterna de uma hospedaria em que não houvesse cômodos para hóspedes”

Capítulos XXIX a XL: Morangos, luar e declaração de Rubião

A mentira inventada rende como se fosse verdade.

“a emenda era pior que o soneto, e que há bonitos sonetos mentirosos”

Capítulos LXVIII a LXXVI: Baile, sociedade e a declaração

O coupé decide quem Rubião é para quem passa.

“Parece que é senador ou desembargador, ou coisa assim”

Capítulos XC a CII: A suspeita e a candidatura de Rubião

O pecado de pensamento se refugia no corpo sem mácula.

“Os simples pecados de pensamento são sujeitos a essa mesma alteração”

Capítulos CLX a CLXXI: Sofia recua, Rubião delira

Fora do romance, a respeito de um leitor do *Quincas Borba*, Olavo de Carvalho dá o nome desse assunto em Machado: o autoengano.

DESEJO

No capítulo XXVIII, no jardim de Botafogo, Rubião se debate com a tentação por Sofia, mulher do amigo. O narrador para no meio dela para descrever o Quincas Borba (cão), que gosta de ser amado e se contenta de crer que o é.

No capítulo XXXII, Sofia manda morangos e um bilhete que, por ordem do marido, intima Rubião a jantar em Santa Teresa. Ele se perturba, os convivas supõem um amor adúltero, e ao fim ele chuta o cão.

No capítulo XXXVII, D. Tônica vê em Rubião o esposo que o Céu lhe reservaria e, ao notar os olhares dele e de Sofia, sente a desesperança, mas insiste.

No capítulo XXXIX, no jardim, ao luar, Rubião compara os olhos de Sofia às estrelas, e ela não sabe se deve entender ou fingir que não entende.

No capítulo XL, as estrelas castas ouvem Rubião, antes recatado e agora libertino, propor a Sofia a compra da alma e do corpo.

No capítulo XLI, ele a retém pelo braço e pela mão e lhe pede que fite o Cruzeiro às dez da noite, até que uma voz o acorda.

No capítulo XLIX, em casa, o amor por Sofia vence o arrependimento, e Rubião só dorme antes das quatro.

No capítulo LXXIII, Sofia jura esquecer o episódio do baile, mas a declaração de Carlos Maria se repete na memória dela como um trecho musical teimoso.

No capítulo LXXVII, Sofia promete um noivo à prima Maria Benedita, pensa em Rubião e não consegue soltar o nome dele.

No capítulo LXXXII, nos sonhos, todas as noivas de título de Rubião acabam com o rosto de Sofia, e ele chega a pensar na morte do marido dela.

No capítulo LXXXVII, na Praia Formosa, pensa em mulheres que poderia escolher, até na filha do major, mas ouve a guitarra do pecado, tangida pelos dedos de Sofia, e perde a castidade do plano.

No capítulo XCVIII, entre as flores do Flamengo, elas parecem pedir-lhe que ponha fim ao desejo.

No capítulo CIII, despeja o que sente a Sofia cada vez mais alto, até ela lhe tapar a boca.

No capítulo CXVIII, Maria Benedita confessa a Dona Fernanda que ama Carlos Maria como se ama a Deus, sem esperar resposta.

No capítulo CXX, Carlos Maria, que achava a moça fria, passa a gostar dela quando sabe que é amado, e gosta de sentir-se adorado como um deus.

No capítulo CLIII, no coupé de Sofia, Rubião fala a ela como amante, pede que o chame de Luís e a chama de sua Sofia.

No **capítulo CLIX**, em manhã de chuva, Sofia revolve nomes do passado e se pergunta por que não reteve nenhum.

No **capítulo CLXIII**, o que parecia vontade imperiosa em Sofia vira veleidade em poucas horas.

Quase nunca o desejo vem do objeto. Rubião vê o rosto de Sofia em todas as noivas, Maria Benedita adora um deus que construiu sozinha, Carlos Maria passa a gostar de quem o adora, e a declaração falsa da praia se grava em Sofia como música. Cada desejo parte de quem deseja e do que ele devolve a quem o sente. Em Sofia o livro mostra o desejo se desfazer em poucas horas, com refúgio moral no corpo sem mácula, e esse desfazer a separa de Rubião, que continua a desejá-la no delírio do **capítulo CLIII**.

O cão dá o retrato que o narrador oferece de Rubião.

“Gosta de ser amado. Contenta-se de crer que o é”

Capítulos XIII a XXVIII: A herança e a tentação de Rubião

Uma palavra de Sofia vira cumplicidade para quem quer ouvi-la.

“Rubião estremeceu diante deste possessivo: nossa ausência”

Capítulos XLI a XLIX: A noite depois do jardim

A declaração inventada fica na memória de quem a ouviu.

“A noite era clara; fiquei cerca de uma hora entre o mar e a sua casa”

Capítulos LXVIII a LXXVI: Baile, sociedade e a declaração

O desejo de Rubião ganha música sem que ele escolha.

“ouvia a guitarra do pecado, tangida pelos dedos de Sofia”

Capítulos LXXVII a LXXXIX: Casamento sonhado e Praia Formosa

LEALDADE E TRAIÇÃO

No **capítulo XXI**, no trem, **Cristiano Palha** pergunta, concorda e tem os olhos brilhando quando **Rubião** diz que fica na Corte e talvez vá à Europa. Ao saber da herança, os olhos já não brilham: ele reflete e só então pede discrição.

No **capítulo XXIII**, Palha visita Rubião na hospedaria, indica um advogado, parente seu, e o convida a jantar em Santa Teresa.

No **capítulo XXV**, alguém denuncia o testamento por demência do filósofo. A denúncia cai, e Palha festeja o fim do inventário.

No **capítulo XXVIII**, no jardim de Botafogo, Rubião se debate com a tentação por **Sofia**, mulher do amigo que o orientou.

No capítulo XLV, descendo o morro entre remorso e esperança, Rubião lembra a dívida e as três letras que aceitou por Palha.

No capítulo L, Sofia conta ao marido o que Rubião fez no jardim. Palha minimiza, mas confessa dever muito dinheiro ao amigo, e ela promete esfriar o trato aos poucos.

No capítulo LV, Palha tenta adivinhar por que Rubião quer partir, e o narrador chama a alma dele de colcha de retalhos.

No capítulo LIX, Palha e Camacho se entendem pelo olhar para segurar Rubião na Corte: um propõe acompanhá-lo depois, o outro acena com a cadeira de deputado.

No capítulo LXIX, Rubião é sócio de Palha e entra na sociedade sem entender os números.

No capítulo CXXVIII, Palha, que invoca Camacho como argumento, propõe desfazer a sociedade, e Rubião aceita a razão e o dispensa de pagar o que deve.

No capítulo CXXX, o Major Siqueira se queixa de que os Palha não o convidaram ao aniversário nem ao casamento, e Rubião fala em confusão.

No capítulo CLXIV, Sofia foge de Rubião numa livraria, e Palha reclama do incômodo, mas ela insiste.

No capítulo CLXV, Palha instala Rubião e o cão numa casinha da Rua do Príncipe. Os amigos de Botafogo sentem a mudança como exílio e ouvem de Palha que o amigo precisa de repouso.

No capítulo CLXXIX, quando volta do delírio, Rubião procura os amigos, e Camacho o recebe com frieza e finge consultar livros para despedi-lo.

No capítulo CLXXXI, o Major Siqueira o conduz à porta, sem violência, mas com tenacidade, enquanto espera o noivo de D. Tônica.

No capítulo CLXXXV, Palha e o Dr. Falcão, cumprindo enfim a promessa que tardava, internam Rubião na casa de saúde.

No capítulo CXCI, em bilhete a Dona Fernanda, Sofia conta que Palha liquidou os bens de Rubião e apurou três contos e duzentos.

No capítulo CXCIV, Palha, que achou Rubião são, lhe dá cem mil-réis e pede ao diretor que não precipite a alta.

Ninguém trai Rubião de uma vez. A traição é feita de gestos pequenos de quem continua a tratá-lo bem: Palha o guia em cada etapa, desfaz a sociedade com a razão de um banco que não existe, o instala numa casinha por repouso e lhe dá cem mil-réis enquanto pede que a alta se atrase. Camacho esfria sem dizer por quê, e o major o conduz à porta com cortesia. O livro não marca em nenhum capítulo o ponto em que a amizade vira cálculo, e é esse silêncio que deixa a lealdade sem prova e a traição sem cena.

Palha aconselha discrição depois de refletir sobre a herança.

“Discrição e caras serviçais nem sempre andam juntas”

Palha e Camacho combinam sem uma palavra.

“esse olhar foi como um bilhete de visita trocado entre as duas consciências”

Rubião dispensa Palha de pagar.

“Pois não pagues, e vê se te não fica ainda mais”

A volta de Rubião do delírio é uma ascensão dolorosa.

“Era como a ascensão dolorosa que um homem fizesse do abismo”

AMBIÇÃO

No capítulo XV, Rubião calcula a herança e hesita entre brilhar em Barbacena e mudar-se para o Rio.

No capítulo XVIII, ao entender o lema das batatas, vê-se como vencedor, pensa em ser duro e implacável e compõe de cabeça um sinete com o lema.

No capítulo LVII, o narrador retrata Camacho, bacharel de Recife, cujo jornalismo político troca de adjetivos conforme o governo. Chega a deputado, quer ser ministro, não consegue e vive da advocacia.

No capítulo LVIII, Camacho seduz Rubião com política e um almoço, e o ouvinte, lisonjeado, já sonha com um lugar na Câmara.

No capítulo LIX, Cristiano Palha e Camacho seguram Rubião na Corte: um propõe acompanhá-lo depois a Minas, o outro acena com a cadeira de deputado.

No capítulo LXI, Rubião, que viera apenas assinar, entra com cinco contos na Atalaia, e Camacho exhibe o retrato do Marquês de Paraná.

No capítulo XCVII, à janela, lembra que o Cruzeiro é também uma ordem honorífica e acha genial fazer dele uma distinção nacional e privilegiada.

No capítulo C, Camacho oferece a Rubião uma candidatura a deputado, e ele já imagina o juramento na Câmara.

No capítulo CI, ao custear o enterro de Freitas, é tomado por senador ou desembargador por causa do coupé.

No capítulo CII, de noite, cruza com o coupé de um ministro e fica a ouvir os cavalos das ordenanças, mesmo depois de distantes.

No **capítulo CXI**, aplaude o artigo de Camacho, sugere reforçar uma palavra e, aceita a emenda, sente-se meio autor.

No **capítulo CXIII**, o narrador resume a operação num título imaginário: Rubião ruminou tantas frases que se teve por autor do que lera.

No **capítulo CLXXIV**, Teófilo chega abatido à casa de **Dona Fernanda**, deixado de fora das combinações do novo Ministério.

No **capítulo CLXXV**, desabafa contra a intriga, mostra à mulher o gabinete de papéis e pergunta de que vale tanto esforço. Ela propõe uma viagem à Europa, ele recusa, mas se anima com a ideia de uma colheita futura.

No **capítulo CLXXVII**, volta satisfeito: o marquês lhe pediu que aceite uma presidência de primeira ordem e assuma a chefia da maioria na Câmara.

No **capítulo CLXXVIII**, despede-se do gabinete como de santos e amigos.

A ambição de Rubião é emprestada. Ela chega por Camacho, que oferece a Câmara, fala em princípios e vende grandeza, e se alimenta de vaidade: a emenda de uma palavra o faz autor, o coupé o faz senador, a ordem do Cruzeiro lhe parece ideia genial. A de Teófilo, no fim, mostra o outro lado da mesma coisa: ele tem papéis, gabinete e anos de trabalho, e a crise e o remédio vêm do cargo oferecido ou negado. O narrador trata as duas com o mesmo tom, e o leitor percebe que o que diferencia um do outro é que Teófilo tem onde pôr a ambição, e Rubião só tem o que lhe vendem.

O poder, para Rubião, começa como posse de um instrumento.

“o melhor modo de apreciar o chicote é ter-lhe o cabo na mão”

Capítulos XIII a XXVIII: A herança e a tentação de Rubião

A fama de senador vem do cavalo e do carro.

“Parece que é senador ou desembargador, ou coisa assim”

Capítulos XC a CII: A suspeita e a candidatura de Rubião

A emenda de uma palavra basta para fazer um autor.

“Rubião se teve por autor de muitas obras alheias”

Capítulos CIII a CXIII: A carta devolvida e os dez contos

Teófilo aconselha o filho Nuno a escolher outra coisa, menos ministro.

“escolhe outra coisa, menos ministro”

Capítulos CLXXII a CLXXXI: Teófilo, o Ministério e o abandono

PERSONAGENS

RUBIÃO

QUEM É

Professor de Barbacena, em Minas, que se torna o enfermeiro e único amigo do filósofo **Quincas Borba (filósofo)** e herda dele a fortuna inteira, com uma só condição: cuidar do cão **Quincas Borba (cão)** como se fosse pessoa. O livro abre com ele já rico, à janela de Botafogo, e só depois recua para contar de onde veio o dinheiro. No Rio, cai nas mãos do casal **Cristiano Palha e Sofia**, deseja a mulher do amigo, é explorado por quem o cerca, enlouquece convencido de que é imperador e volta a Barbacena, onde morre. É o protagonista do romance e o ponto onde se cruzam todos os seus temas.

TRAJETÓRIA

O livro abre no **capítulo I** com Rubião à janela de Botafogo, comparando o passado de professor com o presente de capitalista: as chinelas dadas por **Cristiano Palha**, o café em bandeja de prata, o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade. Só depois o texto recua a Barbacena.

Lá, ele trata do filósofo doente por seis meses (**capítulo IV**) e, ouvindo a explicação de Humanitas, aceita ser discípulo (**capítulo VI**). Quando o doente lhe pergunta se é seu amigo, responde que é, tanto ou mais do que o cão (**capítulo VII**).

No **capítulo VIII**, o filósofo registra o testamento, confia o cão a Rubião e parte para o Rio. A carta em que ele diz ser Santo Agostinho chega no **capítulo X**: Rubião a julga loucura, esconde-a do médico por medo de que o testamento seja anulado e calcula o legado. O remorso que sente é de pouca dura, e o texto o diz.

Nos jornais da Corte ele lê a morte do amigo (**capítulo XI**), e no **capítulo XII**, sem alusão a demência na notícia, volta a tomar a carta por troça e resolve dar o cão à comadre Angélica, pois a obrigação acabou. O bilhete de Brás Cubas, no **capítulo XIII**, confirma a morte e o devolve à cor, graças às praxes do foro.

Aberto o testamento (**capítulo XIV**), é herdeiro universal, com a condição de guardar o cão, tratá-lo como pessoa, enterrá-lo entre flores e guardar os ossos numa urna. Rubião acha a cláusula natural e só pensa na soma, que calcula entre cem e trezentos contos (**capítulo XV**). Lembrando que deu o cachorro, corre à comadre, teme a cláusula descumprida e a herança em risco (**capítulo XVI**), e no cercado explica que é só depositário (**capítulo XVII**).

É no **capítulo XVIII** que a doutrina ganha sentido para ele: recordando a voz do filósofo, entende só agora a alegoria das tribos famintas, vê-se como vencedor e pensa num sinete com o lema.

“o melhor modo de apreciar o chicote é ter-lhe o cabo na mão”

Capítulos XIII a XXVIII: A herança e a tentação de Rubião

No trem para o Rio, conta aos Palha a herança, que calcula em não menos de trezentos contos, e Palha, que brilhara com a Europa e agora reflete, pede discipulação (**capítulo XXI**). Palha lhe indica um advogado, parente seu (**capítulo XXIII**), e o convida a jantar em Santa Teresa, onde Rubião,

constrangido diante de Sofia, desce o morro meio tonto (capítulo XXIV). Alguém denuncia o testamento por demência do filósofo, a denúncia cai, e Palha festeja o fim do inventário (capítulo XXV). Já em Botafogo, Palha o guia nas compras, e Rubião as demora para ter Sofia por perto (capítulo XXVI).

No jardim de Botafogo, debate-se com a tentação por Sofia, mulher do amigo, enquanto solta o cão (capítulo XXVIII). Recebe à mesa o parasita Freitas e o frio Carlos Maria (capítulo XXIX, capítulo XXXI); os morangos de Sofia e o convite a jantar o perturbam (capítulo XXXII), e sozinho ele relê o bilhete, toma a assinatura por capitulação e beija o nome (capítulo XXXIII).

Ao luar, em Santa Teresa, de repente loquaz, compara os olhos de Sofia às estrelas (capítulo XXXIX) e lhe propõe a compra da alma e do corpo (capítulo XL). Retém-na pelo braço e pede que fite o Cruzeiro às dez da noite (capítulo XLI), até que o Major Siqueira entra no jardim e ele sustenta, desajeitado, a anedota que Sofia inventa para cobrir a demora (capítulo XLII).

Na descida do morro, entre remorso e esperança, lembra a dívida e as três letras que aceitou por Palha (capítulo XLV). No Largo de São Francisco encontra um mendigo (capítulo XLVI), inveja-o e, no tálburi, lembra o enforcado de outros tempos (capítulo XLVII). Cogita que o cão e o filósofo sejam a mesma criatura, por transmigração (capítulo XLVIII), e em casa o amor por Sofia vence o arrependimento (capítulo XLIX).

Envergonhado, decide ir a Minas, mas Camacho o corta no caminho (capítulo LVI) e, tendo-o conquistado dias antes com política e um almoço (capítulo LVIII), segura-o na Corte com Palha, num olhar combinado (capítulo LIX). Depois de tirar um menino de baixo de um carro (capítulo LX), entra com cinco contos na Atalaia, a folha de Camacho (capítulo LXI).

Deixa a sorte decidir se vai a Santa Teresa e, quando o primeiro veículo diz não, corrige a regra (capítulo LXIII); lá ouve Carlos Maria elogiar Sofia diante do retrato (capítulo LXV) e, em casa, admira a naturalidade do rival (capítulo LXVI). Vê o próprio nome na Atalaia, irritado e depois lisonjeado, e reimprime a notícia em outro jornal (capítulo LXVII).

Sócio de Palha sem entender os números (capítulo LXIX), leva Carlos Maria ao gabinete dos sobretudos, no baile de aniversário da mulher de Camacho, para sondá-lo, atormentado pelo ciúme de um rival (capítulo LXX). O conselho de casar vem do Major Siqueira (capítulo LXXXVIII) e volta como voz que ele cogita vir do cão, onde estaria o espírito do filósofo, mas descarta e, por via das dúvidas, lhe coça a nuca (capítulo LXXIX). Decide casar para matar a paixão (capítulo LXXX), mas nos sonhos só casa com titulares do almanaque, e todas as noivas acabam com o rosto de Sofia (capítulo LXXXII).

Palha tem um palpite, que Rubião é quem casa com a prima de Sofia, e o amigo se espanta e recusa (capítulo LXXXIII). Na Praia Formosa, visita o Freitas doente e deixa seis notas de vinte mil-réis à mãe dele (capítulo LXXXV), caminha pela Saúde com nostalgia dos farrapos (capítulo LXXXVI) e, pensando nas mulheres que poderia escolher, ouve a guitarra do pecado, tangida pelos dedos de Sofia (capítulo LXXXVII).

A anedota do cocheiro sobre um moço da Rua dos Inválidos e uma dama de véu (capítulo LXXXIX) vira nele suspeita: procura provas nas costureiras do luto de Sofia (capítulo XCIII), corre atrás de um vulto de mulher (capítulo XCV) e acha no canteiro uma carta com a letra dela para Carlos Maria, que decide

entregar para ler a verdade no rosto da dona (**capítulo XCIX**). Camacho lhe oferece a candidatura a deputado (**capítulo C**), e o coupé o faz passar por homem de posição no enterro de Freitas, que ele custeia (**capítulo CI**).

No Flamengo, diz tudo a Sofia, cada vez mais alto, entrega a carta e sai sem ouvi-la (**capítulo CIII**, **capítulo CIV**). Quando o narrador diz ao leitor que o cocheiro não deu nomes nem contou caso verdadeiro (**capítulo CVI**), a calúnia fica sendo do leitor e de Rubião.

Assina cinco contos na subscrição de Sofia e pede dez a Palha, que guarda seus títulos, aconselha cautela e cede (**capítulo CVIII**); paga o papel da Atalaia a Camacho (**capítulo CX**) e, ao sugerir reforçar uma palavra do artigo, sente-se meio autor (**capítulo CXI**), até o narrador resumir a operação: teve-se por autor de livros alheios (**capítulo CXIII**).

Manda um brilhante a Sofia, ouve dela a explicação da carta, com uma lágrima, e a notícia de que **Maria Benedita** vai casar (**capítulo CXV**); percebe que o noivo é Carlos Maria e que tomara uma pessoa por outra, e dá os parabéns à moça (**capítulo CXVI**). Tranquilizado, atribui ao acaso as olhadas de Sofia e se agarra à lágrima (**capítulo CXXI**).

Na volta do pacote, Palha pede conversa (**capítulo CXXVI**) e propõe desfazer a sociedade para dirigir um banco; Rubião pergunta se há motivo oculto, aceita a razão e o dispensa de pagar dívidas (**capítulo CXXVIII**). O narrador revela depois que o banco não existia (**capítulo CXXIX**). Na Rua dos Barbonos, ouve do Major Siqueira que os Palha não o convidaram ao aniversário nem ao casamento, fala em confusão em vez de lhe dar razão e promete jantar sem convite (**capítulo CXXX**, **capítulo CXXXI**).

Em volta dele cresce a lenda do ricoço e discípulo de filósofo, e os comensais jantam às seis em ponto, com ou sem o dono (**capítulo CXXXIII**); protege as letras, paga duas sociedades rivais sem notar (**capítulo CXXXV**) e gasta as manhãs na loja do Bernardo em visões deliciosas, uma vez levantando-se para ver alguém que não existe (**capítulo CXXXVII**). Convida Sofia à Tijuca, só os dois (**capítulo CXXXIX**); ela adia, e no passeio, com os três juntos, Sofia cai do cavalo (**capítulo CXLIII**).

Em janeiro de 1870 chama o barbeiro Lucien e, em marcha para a lua, nem o vê chegar (**capítulo CXLV**); fica com a pêra e os bigodes copiados do busto de Napoleão III e responde em português ao barbeiro, cuidando falar francês (**capítulo CXLVI**). Sozinho, imagina-se em Compiègne, governando e ouvindo ministros (**capítulo CXLVII**).

Desce da lua com o rosto novo e alterna entre si mesmo e o imperador dos franceses (**capítulo CXLVIII**). Quando visita Sofia, as caras se batem no ar na hora de apanhar a luva (**capítulo CXLIX**); entra no coupé dela (**capítulo CL**), baixa as cortinas (**capítulo CLI**) e, tranquilo, elogia a própria mãe e os cavalos enquanto ela suplica que desça (**capítulo CLII**); fala-lhe como amante, evoca um encontro que nunca houve e promete título de duque ao marido (**capítulo CLIII**).

A mania se espalha, e quem a testa levando a conversa à França o vê resvalar ao abismo (**capítulo CLV**); com a guerra franco-prussiana as crises ficam mais agudas, e os comensais, promovidos a marechais, não o contrariam (**capítulo CLVI**). Palha o muda, com o cão, para uma casinha da Rua do Príncipe (**capítulo CLXV**), e os amigos de Botafogo não o seguem (**capítulo CLXVI**). O Dr. Falcão, que o examina, crê que ele pode sarar (**capítulo CLXVII**).

Invade a varanda de Carlos Maria e Maria Benedita para anunciar a queda do Ministério e oferecer uma pasta (capítulo CLXXI). Quando volta do delírio e procura os amigos, Camacho o recebe com frieza (capítulo CLXXIX), e o Major Siqueira o conduz à porta com a história de um coche no Campo (capítulo CLXXXI).

Passa pela Rua da Ajuda gesticulando para uma imperatriz invisível, seguido por moleques, e o pai de um menino reconhece nele o homem que salvou o filho (capítulo CLXXXII, capítulo CLXXXIII). Palha, com o Dr. Falcão, o interna numa casa de saúde (capítulo CLXXXV); Palha apura três contos e duzentos dos bens dele (capítulo CXCI) e, dias antes de ele sumir, o acha são, dá-lhe cem mil-réis e pede ao diretor que não precipite a alta (capítulo CXCIIV).

Rubião some da casa de saúde (capítulo CXCI) e volta a Barbacena com o cão, onde grita o lema que havia esquecido e ninguém o recebe (capítulo CXCV). Uma tempestade o apanha (capítulo CXCVI); passa a noite ao relento, toma as estrelas por lustres de salão (capítulo CXCVII), repete o lema ao sol da manhã (capítulo CXCVIII) e é abrigado pela comadre Angélica, com febre, falando do rei da Prússia capturado (capítulo CXCIIX).

Morre poucos dias depois, pondo na cabeça uma coroa que só ele vê (capítulo CC).

“Guardem a minha coroa”

Capítulos CLXXXII a CCI: Loucura, abandono e a morte de Rubião

O cão adoece, foge atrás do dono e amanhece morto na rua, e o narrador deixa ao leitor chorar ou rir (capítulo CCI).

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Dinheiro e riqueza, Loucura, Desejo, Ambição, Aparência e realidade e Lealdade e traição. Os símbolos do livro giram em torno dele: Humanitas, As batatas, O Cruzeiro do Sul e A coroa imperial.

O livro não dá a loucura de Rubião como um golpe, mas como um deslizamento: do cálculo da herança, ao desejo por Sofia, à vaidade da Atalaia e da candidatura, até a barba de Napoleão III, que entra como detalhe de comédia antes de ser diagnóstico. A doutrina das batatas, que ele só entende depois de herdar, volta no fim como palavra vazia, e a coroa que ele manda guardar é invisível para todos, menos para ele.

Quase tudo o que Rubião possui ou deseja lhe vem de outro: a herança veio de um morto, a casa e as compras passaram por Palha, a ambição política veio de Camacho, a mulher que ele deseja já era de um amigo, e até o rosto imperial é copiado de um busto. O livro vai mostrando, caso a caso, quem se serviu dessa maleabilidade, e deixa ao leitor, no fecho, a escolha entre chorar e rir.

RELAÇÕES

- **Sofia:** o desejo que atravessa o livro, a mulher que o recebe, o evita e é a destinatária da cena do coupé.
- **Cristiano Palha:** o guia e sócio que o orienta em cada etapa, lucra com a confiança dele e o interna no fim.

- **Quincas Borba (filósofo):** o amigo que lhe deixa a herança e a doutrina, e cuja alma Rubião chega a supor no cão.
- **Quincas Borba (cão):** a obrigação do testamento, que vira vigia, consolo e companhia até a morte.
- **Camacho:** o político que lhe vende grandeza, cinco contos e uma candidatura, e o recebe com frieza quando o delírio começa.
- **Carlos Maria:** o rival do ciúme dele, que come à sua mesa e a quem, no delírio, oferece uma pasta de ministro.
- **Maria Benedita:** a moça cujo noivado ele aplaude depois de se enganar sobre quem era o noivo.
- **Dona Fernanda:** a única que o olha com compaixão no declínio e pede que alguém o trate.

SOFIA

QUEM É

Mulher de **Cristiano Palha**, a bela casada que **Rubião** conhece no trem para o Rio e que passa a dominar o desejo dele. Mora em Santa Teresa, depois no Flamengo, e acaba inaugurando os salões do palacete de Botafogo; aprende a gostar de ser vista e guarda o coração, e o narrador lhe dá, capítulo a capítulo, uma vida interior própria. No prólogo de 1889, Machado recusa o pedido de continuar o livro com a Sofia numa terceira parte de trilogia, porque ela está toda aqui.

TRAJETÓRIA

Rubião, ainda em Botafogo, lembra Sofia e se julga amado por ela (**capítulo III**). Ela entra em cena no trem, sentada com Palha diante dele, calada: quem fala de escravos e da Europa é Palha, e ela só move os olhos e diz apenas "Não, senhor", quando Rubião lhe pergunta se já foi à Europa (**capítulo XXI**).

No primeiro jantar em Santa Teresa, ela é a dona da casa e fala mais que ele (**capítulo XXIV**); manda morangos e um bilhete que intima Rubião a jantar por ordem do marido (**capítulo XXXII**). O narrador a retrata cada vez mais bela, exibida decotada por Palha, que adivinhou as falências de 1864 e gasta tudo com ela: Sofia gosta de ser vista, mas guarda o coração (**capítulo XXXV**).

“podemos compará-los à lanterna de uma hospedaria em que não houvesse cômodos para hóspedes”

Capítulos XXIX a XL: Morangos, luar e declaração de Rubião

À noite, enquanto uma senhora canta ao piano, Rubião a contempla e ela o olha de volta (**capítulo XXXVI**). No jardim, ao luar, leva-o pelo braço e, quando ele fala, não sabe se deve entender ou fingir que não entende (**capítulo XXXIX**).

“Trouxera ao colo um pombinho, manso e quieto, e sai-lhe um gavião”

Capítulos XXIX a XL: Morangos, luar e declaração de Rubião

Quer voltar à sala e suplica que ele a solte (**capítulo XLI**); quando o Major Siqueira surge, é ela quem inventa a anedota do Padre Mendes para cobrir a demora (**capítulo XLII**).

Já de noite, conta a Palha o que Rubião fez no jardim, e ele, depois de minimizar, confessa dever muito dinheiro ao amigo, e o narrador revela que o bilhete dos morangos fora redigido por ele e apenas copiado por ela; ela promete esfriar o trato aos poucos (**capítulo L**). No dia seguinte amanhece abatida,

culpa-se e teme que o major espalhe o caso (**capítulo LI**). Na rua, um rapaz a cumprimenta: é Carlos Maria, que dançou com ela num baile, e um carteiro cai, e ela ri (**capítulo LII**).

Recebe Rubião sem rancor e lhe apresenta a tia e a prima, Maria Benedita, moça da roça (**capítulo LXIV**); introduz a prima na vida da cidade (**capítulo LXVIII**). Num baile, dança com Carlos Maria, que se declara a ela (**capítulo LXIX**); em casa, chama o sarau de enfadonho, aceita o carinho do marido e de manhã procura na rua os sinais do homem da praia (**capítulo LXXI**). Jura esquecer o episódio, mas a declaração volta à memória como um trecho musical teimoso (**capítulo LXXIII**).

Quando promete à prima um noivo e é o próprio Rubião, não consegue soltar o nome dele: não o quer, mas não suporta dá-lo à moça (**capítulo LXXVII**).

Recebe Rubião no Flamengo, entre as costureiras do luto, e lhe fala da comissão de senhoras pelas Alagoas (**capítulo XCII**). Quando ele lhe despeja o que sente e entrega a carta, ela pede arrependimento e vê que ele sai sem ouvi-la (**capítulo CIII, capítulo CIV**); sozinha, descobre que era a circular da comissão, pensa em Carlos Maria e, de raiva de si, quebra o mandarim de porcelana (**capítulo CV**).

Depois do brilhante de aniversário, explica a carta a Rubião com uma lágrima e lhe conta o noivado de Maria Benedita, pensando que aquele homem a adora (**capítulo CXV**). Quando os noivos partem para a Europa, finge-se doente e, no quarto, entre presentes dele, recorda a promessa de fazê-la imperatriz (**capítulo CXXV**).

Louvada pela imprensa, depura as amizades, corrige o marido servil e passa pelos velhos conhecidos de olhar desviado (**capítulo CXXXVIII**). Quando Rubião a convida à Tijuca, adia o passeio (**capítulo CXXXIX**), a imaginação galopa como corcel e volta à cavalaria (**capítulo CXL**), as rosas e outras plantas lhe dizem que a culpa é dela (**capítulo CXLI, capítulo CXLII**); no passeio, cai do cavalo (**capítulo CXLIII**) e, em casa, mostra o joelho pisado ao marido, que jura que nada se viu (**capítulo CXLIV**).

Rubião entra no coupé dela (**capítulo CL**); ela perde a voz, teme o escândalo (**capítulo CLI**), sente aversão e suplica que ele desça (**capítulo CLII**), e o ouve falar de um encontro que nunca houve, com a sinceridade de quem viu (**capítulo CLIII**). Passado o susto, mergulha no devaneio e imagina quem seria o homem da caleça (**capítulo CLIV**); vendo no mal dele o efeito do amor por ela, sente compaixão, feita de simpatia e egoísmo, e lhe perdoa (**capítulo CLVII**). A carta de Maria Benedita, feliz e mãe, lhe dá despeito (**capítulo CLVIII**), e na manhã chuvosa deixa-se estar sinceramente defunta, e então os nomes passam como relâmpagos (**capítulo CLIX**).

O sol manda o raio de volta para não alumiar o desejo dela (**capítulo CLX**); sonha que Carlos Maria é morto diante dela e acorda aos gritos (**capítulo CLXI**), e a vontade imperiosa vira veleidade (**capítulo CLXIII**). Foge de Rubião numa livraria, mas insiste, apesar da queixa de Palha, quando Dona Fernanda acha que ele pode sarar (**capítulo CLXIV**).

No fim, Palha e o Dr. Falcão internam Rubião, depois de Sofia ter deixado esquecida a promessa que fizera (**capítulo CLXXXV**); na casa abandonada da Rua do Príncipe mal disfarça o asco (**capítulo CLXXXVIII**) e, livre dela, retoma as boas maneiras e convida Dona Fernanda a ver o palacete de Botafogo (**capítulo CLXXXIX**). Evita a visita ao internado e conta que Palha apurou três contos e

duzentos dos bens dele (**capítulo CXCI**), e em outubro inaugura os salões com um baile, usando um colar dos primeiros presentes de Rubião (**capítulo CXCII**).

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ela são Desejo, Aparência e realidade e Lealdade e traição. O símbolo que a acompanha em cena é **O Cruzeiro do Sul**, que Rubião lhe pede para fitar (**capítulo XLI**) e que ela não quis fitar, como o narrador lembra no fecho (**capítulo CCI**).

O texto nunca decide se Sofia consente. Ela é descrita como vitrine, aprende a gostar de ser vista, e o narrador insiste que a porta do coração continua trancada, mas a mesma Sofia sonha com Carlos Maria, deixa a declaração da praia voltar como música e chama de veleidade, depois de poucas horas, o que parecia vontade imperiosa. O refúgio moral que o narrador lhe dá é o corpo sem mácula, e o livro não vai além disso.

Sofia aceita de Rubião o brilhante, a subscrição e a admiração, e só lhe devolve, quando precisa, uma lágrima. O livro é de Rubião no dinheiro e de Sofia no desejo, e o desejo dela só aparece em sonho, em devaneio e em objetos que respondem por ela: o mandarim quebrado, o colar usado no baile, as rosas do jardim.

RELAÇÕES

- **Rubião**: o admirador que ela usa, evita e teme, e que a leva à cena mais constrangida do livro, a do coupé.
- **Cristiano Palha**: o marido que a exhibe, a quem ela conta o episódio do jardim e que primeiro empalidece, depois minimiza e só no fim confessa a dívida que tem com Rubião.
- **Carlos Maria**: o rapaz que lhe declara a mentira da praia, e que ela guarda na memória e no pesadelo.
- **Maria Benedita**: a prima que ela introduz na cidade, e para quem promete um noivo que não suporta ceder.
- **Dona Fernanda**: a companhia na casa abandonada da Rua do Príncipe, onde ela se comove com o cão magro e Sofia mal disfarça o asco.

CRISTIANO PALHA

QUEM É

Marido de **Sofia**, o homem que Rubião conhece no trem e que passa a guiá-lo em cada etapa do Rio: o advogado, a casa, as compras, o inventário, a sociedade comercial. Prospera com ações, apólices e fornecimentos de guerra, sonha com palacete e baronia, e a confiança do herdeiro lhe rende sócio, crédito e, por fim, o controle dos bens: quando o livro termina, ele já apurou três contos e duzentos dos bens de **Rubião**.

TRAJETÓRIA

Palha aparece primeiro como nome: as chinelas que Rubião calça no **capítulo I** foram dadas por ele, e no **capítulo III** Rubião lembra os criados que ele impôs à casa de Botafogo. A cena que o define é a do trem: ele e Sofia sentam diante de Rubião, os olhos de Palha brilham quando o professor diz que fica na Corte e talvez vá à Europa; ao ouvir a herança, que Rubião calcula em não menos de trezentos contos, ele já não brilha, reflete, e só então pede descrição (**capítulo XXI**).

Na estação da Corte, oferece a casa de Santa Teresa (**capítulo XXII**); indica ao amigo um advogado, parente seu, e o convida a jantar (**capítulo XXIII**). Festeja o fim do inventário (**capítulo XXV**), guia Rubião nas compras para a casa de Botafogo (**capítulo XXVI**) e o resgata das histórias do Major Siqueira (**capítulo XXXIV**).

O narrador o retrata gastando tudo com a mulher e exibindo-a decotada, e compara os olhos de Sofia à lanterna de uma hospedaria sem cômodos para hóspedes (**capítulo XXXV**). Quando Sofia lhe conta o episódio do jardim, ele minimiza e só depois confessa que deve muito dinheiro ao amigo (**capítulo L**).

“Mas, meu amor, eu devo-lhe muito dinheiro”

Capítulos L a LVII: Palha, Sofia e a entrada de Camacho

No dia seguinte, só fala de negócios com a mulher (**capítulo LI**). Quando visita Rubião em Botafogo e dá com Camacho na sala, a menção à lua os deixa sem fala (**capítulo LIV**); imagina por que o amigo parte, e o narrador chama a alma dele de colcha de retalhos (**capítulo LV**). Palha e Camacho se entendem por um olhar e seguram Rubião na Corte, um propondo acompanhá-lo, outro acenando com a cadeira de deputado (**capítulo LIX**).

Torna-se sócio de Rubião (**capítulo LXIX**), elogia a valsa de Carlos Maria sem suspeitar de nada (**capítulo LXXI**) e se despede de Sofia à janela com o adeus de mão do costume (**capítulo LXXII**). Em luto pela tia, diz ter um palpite sobre Rubião e Maria Benedita (**capítulo LXXXIII**). Ao diretor do banco, que se humilhara diante do ministro, ele restaura a dignidade com medidas, e é por esses rapapés que o homem ruminará depois (**capítulo XCIV**, **capítulo XCVI**).

Quando Rubião assina cinco contos na subscrição de Sofia e lhe pede dez, Palha, que guarda os títulos dele e vê o capital diminuir, aconselha cautela e acaba cedendo (**capítulo CVIII**). Rubião lhe pede ainda dois contos antes de mandar um brilhante a Sofia (**capítulo CXV**).

Na volta do pacote, ele diz que há tempos quer falar de coisa importante (**capítulo CXXVI**), propõe desfazer a sociedade para dirigir um banco, invoca Camacho como argumento e ouve de Rubião que não pague as dívidas (**capítulo CXXVIII**).

“Pois não pagues, e vê se te não fica ainda mais”

Capítulos CXIX a CXXXII: Casamento, ruptura e o major ofendido

O narrador revela então que o banco não existia: Palha inventou a razão porque a verdade não serviria (**capítulo CXXIX**). O major se queixa de que os Palha não o convidaram ao aniversário nem ao casamento (**capítulo CXXX**).

Na cena do joelho de Sofia, ele jura que nada se viu e brinca com a perna dela, orgulhoso de possuí-la (**capítulo CXLIV**). Minimiza a doença de Rubião quando Dona Fernanda pergunta por que ninguém o trata (**capítulo CLVIII**), comove-se com o pesadelo de Sofia (**capítulo CLXI**) e reclama do incômodo de Rubião, mas a mulher insiste (**capítulo CLXIV**). Instala o amigo e o cão numa casinha da Rua do Príncipe e diz aos que sentem o exílio que o amigo precisa de repouso (**capítulo CLXV**).

Depois de tardar na promessa, ele interna Rubião com o Dr. Falcão (**capítulo CLXXXV**); apura três contos e duzentos dos bens dele (**capítulo CXCI**) e, dias antes do desaparecimento do internado, o

acha são, lhe dá cem mil-réis e pede ao diretor que não precipite a alta (**capítulo CXCIV**).

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Dinheiro e riqueza, Lealdade e traição e Ambição.

O livro não diz onde a amizade de Palha termina e o interesse começa, e é essa a sua força: as mesmas cenas, o advogado, o inventário, as compras, a sociedade, a casa da Rua do Príncipe, servem a Rubião e ao bolso dele ao mesmo tempo. O narrador o resume numa imagem, a colcha de retalhos, e acrescenta que moralmente as colchas inteiriças são tão raras.

Na cena da separação (**capítulo CXXVIII**) Palha pede o que lhe convém e embrulha o pedido em afeto, e Rubião, que pergunta se há motivo oculto, aceita a razão e o dispensa das dívidas. O livro entrega a verdade ao leitor na cena seguinte, e é o leitor, não Rubião, quem fica sabendo que o banco não existia.

RELAÇÕES

- **Sofia**: a mulher que ele exhibe como vitrine e a quem confessa a dívida com Rubião.
- **Rubião**: o amigo, devedor e credor ao mesmo tempo, que ele guia, usa e interna.
- **Camacho**: o político com quem se entende sem palavra para segurar Rubião na Corte, e a quem invoca como argumento ao desfazer a sociedade.
- **Maria Benedita**: a prima da mulher, cujo casamento com Rubião ele palpita e que acaba noiva de outro.
- **Dona Fernanda**: a visita que pergunta por Rubião e a quem ele responde minimizando.

QUINCAS BORBA (FILÓSOFO)

QUEM É

Joaquim Borba dos Santos, um dos dois Quincas Borba que o título comporta, herdado das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: o naufrago da existência que ali aparecia mendigo, herdeiro inopinado e inventor de uma filosofia, e que o romance reencontra em Barbacena, em 1867, com um grão de sandice. Inventor de Humanitas, tem **Rubião** como único amigo e enfermeiro, deixa-lhe tudo no testamento e morre no Rio, em casa de Brás Cubas (**capítulo XIII**).

TRAJETÓRIA

Em Barbacena, o filósofo cortejara em vão a viúva Piedade, que um pleuris levou; o irmão dela, Rubião, vira seu único amigo e o trata por seis meses (**capítulo IV**). Ele deu seu nome ao cão **Quincas Borba (cão)** por razão doutrinária e para sobreviver no nome dele, e diz a Rubião que vai morrer (**capítulo V**).

Explica Humanitas pela morte da avó, atropelada por uma sege cujo dono tinha fome: não há morte, a guerra conserva, ao vencido ódio ou compaixão, ao vencedor as batatas (**capítulo VI**).

“Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas”

Capítulos I a XII: Humanitas e a morte do filósofo

Exausto, descreve o mundo com elogios que espantam Rubião e pergunta se o outro é seu amigo (**capítulo VII**). Registra o testamento no tabelião, confia o cão a Rubião e parte para o Rio, chorando pelo cachorro (**capítulo VIII**).

Do Rio chega uma carta em que ele se diz Santo Agostinho (**capítulo X**), e nos jornais da Corte Rubião lê a notícia da morte do filósofo, que suportou a doença com filosofia, delirou no fim e deixa muitos bens (**capítulo XI**). O bilhete de Brás Cubas diz que ele faleceu em casa dele, onde aparecera esfrangalhado e sórdido (**capítulo XIII**).

O testamento faz de Rubião herdeiro universal com uma só condição: cuidar do cão como se cão não fosse, mas pessoa humana (**capítulo XIV**).

“cuidar finalmente como se cão não fosse, mas pessoa humana”

Capítulos XIII a XXVIII: A herança e a tentação de Rubião

Depois da morte, o filósofo continua no livro por quatro vias: na lembrança de Rubião, que só entende a alegoria das tribos depois de herdar (**capítulo XVIII**); na denúncia que tenta anular o testamento por demência dele (**capítulo XXV**); no cão, onde Rubião cogita que o espírito dele tenha transmigrado (**capítulo XLVIII**); e na voz que pergunta se Rubião não deveria casar (**capítulo LXXIX**). No fim, o lema que ele ensinara volta, gritado em Barbacena pelo discípulo, já sem o sentido da alegoria (**capítulo CXCV**).

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Loucura e Dinheiro e riqueza, e o símbolo que o define é **Humanitas**, com sua máxima de **As batatas**.

O texto nunca decide se o filósofo é louco: a carta de Santo Agostinho tanto pode ser delírio quanto troça, e quem a lê como uma ou outra coisa é o interesse de Rubião, que precisa de um amigo são para o testamento valer. A morte dele é dada de fora, pela notícia dos jornais (**capítulo XI**) e pelo bilhete de Brás Cubas (**capítulo XIII**), e o livro nunca mostra a cena: o que fica do filósofo é a doutrina e o cão.

Humanitas é uma doutrina que só funciona para quem a tem na mão: Rubião não a entende pobre e a entende rico, e o filósofo, que diz que não há morte, deixa ao amigo a fortuna e uma cláusula que o obriga a velar por um animal. É um final digno da filosofia dele: quem sobrevive é o nome, não o homem.

Lido de fora, o filósofo é a exceção na galeria machadiana do saber de fachada: em O Imbecil Coletivo, Olavo o separa dos medalhões e do alienista de Itaguaí justamente por ser um isolado, e não um tipo social. No romance, porém, quem leva a doutrina adiante é um homem comum, Rubião, e é por ele que ela entra na sociedade.

“com a exceção do filósofo Quincas Borba, nenhum deles é um esquisitão isolado, um demente solitário, mas todos são pessoas representativas, figurões típicos da sociedade.”

O Imbecil Coletivo

RELAÇÕES

- **Rubião**: o enfermeiro, amigo e herdeiro, a quem ensina Humanitas sem que ele a entenda.
- **Quincas Borba (cão)**: o cão com seu nome, onde ele quis sobreviver, e cuja guarda é a única condição do testamento.

QUINCAS BORBA (CÃO)

QUEM É

O cachorro que **Quincas Borba** (filósofo) batiza com o próprio nome e confia a **Rubião**, e que o testamento obriga o herdeiro a tratar como pessoa. Acompanha Rubião de Barbacena ao Rio, vive entre afagos e maus-tratos, é tido por ele como vigia e consolo e talvez como alma do amigo morto, e volta com o dono a Barbacena, onde morre depois dele. O livro divide o título entre os dois Quincas, e no último capítulo (**capítulo CCI**) o narrador pergunta, sem resolver, qual deles dá o nome ao livro.

TRAJETÓRIA

O filósofo deu ao cão o seu nome por razão doutrinária e para sobreviver no nome dele (**capítulo V**). Parte para o Rio chorando por ele e o deixa com Rubião (**capítulo VIII**); o cão sofre a ausência do dono, e na cidade zombam do professor sentinela de cachorro (**capítulo IX**). Sabida a morte do dono, Rubião decide dá-lo à comadre Angélica, pois a obrigação acabou (**capítulo XII**), e manda-o de presente com o nome do dono (**capítulo XIII**).

Quando o testamento revela a cláusula (**capítulo XIV**), Rubião corre à comadre e o reencontra no cercado, onde o cão o recebe com festa e delírio (**capítulo XVII**). Em Botafogo, é Rubião quem o solta todos os dias; no jardim, no meio da tentação por **Sofia**, o narrador descreve o cão que festeja, apanha e perdoa: gosta de ser amado e se contenta de crer que o é (**capítulo XXVIII**).

“Gosta de ser amado. Contenta-se de crer que o é”

Capítulos XIII a XXVIII: A herança e a tentação de Rubião

Perturbado pelos morangos de Sofia, Rubião chuta o cão (**capítulo XXXII**); na noite do jardim, em casa, recebe dele a festa de sempre, com um olhar que lembra o do filósofo (**capítulo XLIX**). Antes, no tálburi, cogitara que cão e filósofo fossem a mesma criatura por transmigração (**capítulo XLVIII**). Mais tarde, o cão o fita com tom de censura quando Rubião entra na sociedade com Palha, e Rubião ri da suposição, mas lhe coça as orelhas (**capítulo LXIX**); a voz que aconselha Rubião a casar parece vir dele, ideia que Rubião acha absurda e descarta, mas por via das dúvidas lhe coça a nuca (**capítulo LXXIX, capítulo LXXXII**).

Em seguida o cão atravessa a loucura do dono: os ganidos dele não despertam Rubião do delírio imperial (**capítulo CXLVII**), muda-se com ele para a Rua do Príncipe (**capítulo CLXV**), vive com ele e um criado a quem Rubião dá o título de marquês (**capítulo CLXXIX**). Quando Rubião é internado, o cão tenta segui-lo e é trancado pelo criado (**capítulo CLXXXVII**), e na casa abandonada é o cão magro que comove Dona Fernanda (**capítulo CLXXXVIII**).

Chega com Rubião a Barbacena (**capítulo CXCV**), vaga sob a tempestade e dorme junto dele ao relento (**capítulo CXCVII**), e é abrigado com ele pela comadre Angélica (**capítulo CXCIX**). Depois da morte do dono, adoece, foge atrás dele e amanhece morto na rua (**capítulo CCI**).

“Se só tens riso ri-te! É a mesma coisa.”

Capítulos CLXXXII a CCI: Loucura, abandono e a morte de Rubião

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Lealdade e traição e Loucura.

O cão é a lealdade que não muda no livro, e o texto a mostra por contraste: Rubião o trata por obrigação, depois por medo de perder a herança, depois por afeto, e ele responde sempre do mesmo modo, com festa, ganidos e perdão. O nome de dois mortos em um só corpo faz dele o ponto onde a doutrina do filósofo e o delírio de Rubião se encontram.

O narrador o põe duas vezes no lugar de espelho, no jardim, quando o cão que gosta de ser amado reflete o dono que também crê ser querido por Sofia, e na morte, que vem depois da de Rubião e é contada de passagem. O capítulo final deixa a pergunta sobre quem dá o título ao livro sem resposta, e é nesse silêncio que o cão ganha o tamanho que o testamento lhe dera.

RELAÇÕES

- **Quincas Borba (filósofo):** o dono que lhe deu o nome e a quem Rubião julga ver no olhar do animal.
- **Rubião:** o herdeiro-guardião, que o trata como obrigação, depois como consolo, e por quem o cão morre.
- **Dona Fernanda:** a única visitante que olha o animal magro nos olhos e se comove.

CARLOS MARIA

QUEM É

Rapaz lento, frio e superior que come à mesa de Rubião e dança com Sofia. Primo de Dona Fernanda, vê a si mesmo como o centro da admiração alheia e inventa, com a facilidade de quem não se importa, a frase da praia que faz Sofia pensar nele o resto do livro. Casa com Maria Benedita sem tê-la amado antes e, já casado, irrita-se ao ouvi-la dizer que são felizes.

TRAJETÓRIA

Aparece no almoço de domingo de Rubião, onde humilha o parasita Freitas e é respeitado por Rubião, que não ousa rir (**capítulo XXIX, capítulo XXXI**). Na rua, um rapaz cumprimenta Sofia e ela o reconhece: dançaram num baile, e ele elogiou os olhos e os ombros dela (**capítulo LII**). Rubião o ouve elogiar Sofia diante do retrato, e Rubião admira a naturalidade com que ele diz aquelas coisas (**capítulo LXV, capítulo LXVI**).

No baile, valsa com Sofia e se declara, dizendo ter passado uma hora entre o mar e a casa dela (**capítulo LXIX**). Na cama, reconstrói a cena, ri da mentira, porque nem foi à praia, e conclui que não vale emendar: há bonitos sonetos mentirosos (**capítulo LXXIV**).

“a emenda era pior que o soneto, e que há bonitos sonetos mentirosos”

Capítulos LXVIII a LXXVI: Baile, sociedade e a declaração

Outras admiradoras fazem Sofia perder importância na fila dele (**capítulo LXXV**); ele monta bem, e a gente que passa mira o garbo e a tranquilidade régia dele (**capítulo LXXVI**). A carta que Rubião acha no canteiro é endereçada a ele (**capítulo XCIX**), e Sofia, ao saber que era a circular da comissão, pensa nele (**capítulo CV**). O narrador acrescenta uma quarta causa para o fracasso dela: talvez ele tivesse outros amores (**capítulo CVII**).

Rubião percebe que o noivo de Maria Benedita é ele (**capítulo CXVI**). Dona Fernanda, na saída da missa, conta ao primo que alguém o adora em segredo e, por fim, que é Maria Benedita; a prevenção dele vira simpatia, e nasce o namoro (**capítulo CXX**).

“Que bom que era sentir-se um deus adorado”

Capítulos CXIX a CXXXII: Casamento, ruptura e o major ofendido

Na manhã do casamento, passeia a cavalo e vê na natureza a homenagem nupcial (**capítulo CXXII**); os noivos casam e, três meses depois, partem para a Europa (**capítulo CXXIV**). Sofia sonha que ele é morto diante dela (**capítulo CLXI**). Volta ao Rio com a mulher e se irrita de ouvi-la dizer que são felizes (**capítulo CLXIX**); a sós, só sorri quando ela pergunta o que ele tem (**capítulo CLXX**).

Quando Rubião delirante invade a varanda e lhe oferece uma pasta, Maria Benedita não contém o riso (**capítulo CLXXI**); ele pede à mulher que confesse que o adoraria mesmo como ordenança de ministro e volta à revista inglesa e à estatueta de Narciso, do Museu de Nápoles (**capítulo CLXXIII**). A filha nasce na Tijuca (**capítulo CXC**).

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Desejo, Aparência e realidade e Lealdade e traição.

A declaração da praia ele a inventou durante a conversa, sem ter ido lá. Na cama, o texto fala em compromisso, estorvo e obrigação para a confissão de amor, e em inferioridade para a mentira, e é essa inferioridade que o abate: o que pesa nele parece ser ter mentido, mais que ter declarado amor a uma mulher casada.

Ele só passa a gostar de Maria Benedita ao saber que é adorado, e a estatueta de Narciso, a que o livro o devolve depois da varanda (**capítulo CLXXIII**), diz o resto: o casamento começa com os noivos vendo o mesmo quadro, ele como reverência a si, ela como entrega (**capítulo CXXII**, **capítulo CXXIII**). O livro não o pune.

RELAÇÕES

- **Sofia**: a mulher a quem ele declara uma frase inventada e que depois perde importância na fila dele.
- **Maria Benedita**: a esposa que o adora em silêncio, e cuja felicidade o irrita.
- **Dona Fernanda**: a prima que arma o casamento e lhe conta que é adorado.
- **Rubião**: o anfitrião que o respeita, o sonda como rival e lhe oferece, no delírio, uma pasta de ministro.

MARIA BENEDITA

QUEM É

Prima de **Sofia**, moça da roça que chega com a mãe à casa de Santa Teresa e é introduzida na vida da cidade. Aprende francês e piano, recusa valsar, ama em silêncio **Carlos Maria** desde o baile da Rua dos Arcos e acaba casada com ele por iniciativa de **Dona Fernanda**, que lhe arranca a confissão. É o contraponto de Sofia: adora em silêncio onde a prima contempla a si mesma.

TRAJETÓRIA

Sofia a apresenta a **Rubião** junto com a mãe, D. Maria Augusta, que finge rabugice para adiar o casamento da filha (**capítulo LXIV**). Aceita estudar francês e piano, e **Cristiano Palha** vence a tia com a promessa de um bom marido; aprende depressa, mas recusa valsar (**capítulo LXVIII**). No baile, cronometra a valsa de Sofia com Carlos Maria (**capítulo LXIX**).

Acorda aborrecida, com vontade de ir para a roça (**capítulo LXXII**), e diz a Sofia que não gosta de valsar e quer voltar; Sofia lhe promete um noivo, que é Rubião, e ela, esperançosa, pensa em Carlos Maria (**capítulo LXXVII**). Palha, de luto pela tia, mãe dela, a elogia a Rubião (**capítulo LXXXIII**).

Sofia dá a Rubião a notícia de que ela vai casar (**capítulo CXV**), e ele lhe dá os parabéns, e ela cora de contentamento (**capítulo CXVI**). O narrador diz que, sem a epidemia das Alagoas, talvez não houvesse casamento (**capítulo CXVII**): ela amava Carlos Maria desde o baile da Rua dos Arcos e calava o segredo, e com a comissão, Dona Fernanda torna-se sua amiga, decide casá-la com o primo e só depois lhe arranca, na chácara, a confissão sem nome, que ela ama como se ama a Deus (**capítulo CXVIII**).

“Gosto dele, como gosto de Deus, que está no Céu”

Capítulos CXIV a CXVIII: O noivado de Maria Benedita

Teófilo, marido de Dona Fernanda, adivinha que Maria Benedita gosta de Carlos Maria (**capítulo CXIX**); na manhã do casamento, à janela, diante das ondas, ela se vê ajoelhada aos pés do marido e pensa que ele a fará feliz (**capítulo CXXIII**).

“Oh! como ele me fará feliz!”

Capítulos CXIX a CXXXII: Casamento, ruptura e o major ofendido

Casam e, três meses depois, partem para a Europa (**capítulo CXXIV**). A carta que ela escreve, feliz e mãe, deixa Sofia com despeito (**capítulo CLVIII**). Volta ao Rio e diz que são felizes, porque o adora; o marido se irrita (**capítulo CLXIX**), e a sós ela pergunta o que ele tem, recebe um sorriso e promete ser menos expansiva (**capítulo CLXX**). Não contém o riso quando Rubião delirante invade a varanda (**capítulo CLXXI**), e a filha nasce na Tijuca (**capítulo CXC**).

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ela são Desejo e Aparência e realidade.

A simetria com o marido é exata: noivo e noiva veem o mesmo quadro, ele como reverência a si e ela como entrega, e o narrador não decide se isso é felicidade.

Maria Benedita ama como se ama a Deus, sem esperar resposta, e o deus que ela adora parece construído por ela sozinha. A prima é o contraponto de Sofia: onde uma adora em silêncio, a outra se contempla. A felicidade de Maria Benedita, lida por Sofia com despeito, é o que o livro tem de mais próximo de um final feliz, e o marido dela não sabe recebê-la.

RELAÇÕES

- **Carlos Maria**: o marido que ela adora e que se irrita com a felicidade dela.
- **Sofia**: a prima que a introduz na cidade e lhe promete um noivo que não é o dela.
- **Dona Fernanda**: a amiga que arranca a confissão e arma o casamento, que corre à Tijuca para o parto.

- **Rubião**: o homem que lhe dá os parabéns e a olha sair como quem vê uma filha.

DONA FERNANDA

QUEM É

Mulher do deputado Teófilo, mãe do pequeno Nuno e prima de **Carlos Maria**. Age por piedade e por gosto de mandar: arma o casamento do primo com **Maria Benedita** e, mais tarde, é a única a se comover com a loucura de **Rubião**. O livro a põe como contraponto de **Sofia**.

TRAJETÓRIA

Com a comissão das Alagoas, torna-se amiga de Maria Benedita e decide casá-la com o primo; só depois lhe arranca, na chácara, a confissão sem nome: a moça ama como se ama a Deus (**capítulo CXVIII**).

“Gosto dele, como gosto de Deus, que está no Céu”

Capítulos CXIV a CXVIII: O noivado de Maria Benedita

Na saída da missa, conta ao primo que alguém o adora em segredo e, por fim, que é Maria Benedita (**capítulo CXX**); despede os noivos no paquete, sem chorar, contente de os ver felizes (**capítulo CXXIV**).

Pergunta por que ninguém trata Rubião (**capítulo CLVIII**) e acha que ele pode sarar (**capítulo CLXIV**); o Dr. Falcão o examina a pedido dela, conclui pelo delírio que ele e Sofia se amaram e a suspeita dele se volta contra ela (**capítulo CLXVII**, **capítulo CLXVIII**). Rubião não sobe à casa dela, porque o criado diz que está doente, mas quem chegou abatido foi Teófilo, deixado de fora do novo Ministério (**capítulo CLXXIV**); ela o conduz da fúria à esperança sem contradizê-lo, propondo uma viagem à Europa que ele recusa (**capítulo CLXXV**). Fica no Rio com o filho, separada do marido por quatro meses, e promete espanar os livros dele (**capítulo CLXXVIII**).

A pedido de Rubião internado, procura Sofia (**capítulo CLXXXVII**) e na casa abandonada da Rua do Príncipe comove-se com o cão magro (**capítulo CLXXXVIII**). Corre à Tijuca para o parto de Maria Benedita e esquece Rubião por um tempo (**capítulo CXC**), e quando ele some consegue que o marido peça buscas à polícia (**capítulo CXCI**).

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ela são Desejo e Ambição.

Dona Fernanda desfaz a poesia em nome do casamento: um marido, ainda mau, vale mais que o sonho. Age por piedade e por gosto de mandar, e o livro a põe ao lado de Sofia como o outro modo de uma mulher usar o poder doméstico, com a diferença de que ela olha o cão magro nos olhos.

RELAÇÕES

- **Maria Benedita**: a protegida, cujo segredo ela arranca.
- **Carlos Maria**: o primo que ela convence a se casar.
- **Rubião**: o homem que ela quer ver tratado.
- **Sofia**: a mulher que ela procura a pedido de Rubião e que mal disfarça o asco.

CAMACHO

QUEM É

Dr. Camacho, bacharel de Recife, jornalista político que muda de adjetivos conforme o governo, chega a deputado, quer ser ministro e não consegue, e vive da advocacia. À frente da folha Atalaia, é quem alimenta a ambição política de Rubião, que o romance só então lhe dá, com uma cadeira na Câmara e uma candidatura.

TRAJETÓRIA

Aparece na sala de Botafogo quando Cristiano Palha visita Rubião, e a menção à lua os deixa sem fala (capítulo LIV). Quando Rubião decide ir a Minas, Camacho o corta no caminho (capítulo LVI), e o narrador o retrata em seguida: bacharel de Recife, jornalismo político que troca de adjetivos conforme o governo, deputado que não chega a ministro (capítulo LVII).

Conquistara Rubião antes, com política e um almoço (capítulo LVIII); com Palha, entende-se por um olhar e o segura na Corte, um acenando com a cadeira de deputado (capítulo LIX).

“esse olhar foi como um bilhete de visita trocado entre as duas consciências”

Capítulos LVIII a LXVII: A Atalaia, o salvamento e Maria Benedita

Rubião corre ao escritório dele depois de ler a Atalaia e entra com cinco contos para a folha (capítulo LX, capítulo LXI); Camacho publica uma coluna inteira sobre o arranhão do salvamento, e Rubião o repreende de leve (capítulo LXVII). No baile de aniversário da mulher de Camacho, Rubião sonda Carlos Maria (capítulo LXX). Camacho lhe propõe a candidatura a deputado (capítulo C); Rubião paga o papel da Atalaia e, ouvindo um artigo, sugere reforçar uma palavra, e Camacho objeta ao som, mas aceita (capítulo CX, capítulo CXI).

Palha o invoca como argumento quando desfaz a sociedade com Rubião (capítulo CXXVIII). Só ele defende que não se altera o rosto: faz da própria cara uma necessidade moral e diz que sua vida a reproduz (capítulo CXLVIII). Quando Rubião volta do delírio e procura os amigos, Camacho o recebe com frieza, finge consultar livros para despedi-lo, e ele sai magoado (capítulo CLXXIX).

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Ambição e Dinheiro e riqueza.

Camacho é o outro lado do dinheiro de Rubião: oferece a Câmara, fala em princípios e em sacrifício, cobra fidelidade e vende grandeza. Entra no livro como retrato, o político que muda de adjetivos, e é nessa troca que o texto o resume.

Quando Rubião volta do delírio e procura os amigos, Camacho o despacha com papéis e pausas: o homem que antes falava muito diante dele agora finge consultar livros. A frieza dele mede o que valia a amizade.

RELAÇÕES

- **Rubião:** o amigo que ele seduz com a política, de quem recebe dinheiro para a folha e a quem despacha com frieza.
- **Cristiano Palha:** o aliado com quem se entende sem palavra.

SÍMBOLOS

HUMANITAS

O QUE É

Humanitas é o nome que **Quincas Borba (filósofo)** dá a uma substância única e indestrutível que estaria em todas as coisas e resumiria o universo, porque o universo é o homem. É também o nome da doutrina, que ele chama de Humanitismo e diz ter formulado, e que **Rubião** recebe junto com o dinheiro e o cão. A doutrina chega pela voz do filósofo, mas o que o livro mostra é o uso que Rubião faz dela depois que o filósofo morre.

ONDE APARECE

No **capítulo V** o filósofo explica por que deu o próprio nome ao **Quincas Borba (cão)**: se Humanitas reside em toda parte, existe também no cão, que pode receber nome de gente. É a razão doutrinária, ao lado da de querer sobreviver no nome do cachorro.

No **capítulo VI** vem a exposição central. O filósofo conta a morte da avó, derrubada por uma sege cujo dono tinha fome, e conclui que não há morte, só a supressão de uma forma que é a condição da sobrevivência de outra. Rubião pouco entende e aceita ser discípulo.

“Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas”

Capítulos I a XII: Humanitas e a morte do filósofo

No **capítulo VIII**, ao partir para o Rio, o filósofo diz que moléstia e saúde são dois estados de Humanitas. No **capítulo X**, na carta em que se diz Santo Agostinho, chama de heresia tudo o que não é a sua doutrina de Humanitas.

No **capítulo XVIII**, já herdeiro, Rubião recompõe de memória os argumentos do filósofo e entende pela primeira vez a alegoria das tribos famintas. A doutrina que lhe parecera obscura vira fórmula depois do testamento.

“o melhor modo de apreciar o chicote é ter-lhe o cabo na mão”

Capítulos XIII a XXVIII: A herança e a tentação de Rubião

No **capítulo XIX**, ao decidir sobre a missa pelo finado, Rubião repara que a veneração de Humanitas fazia desconfiar que essa era a religião do testador, e manda rezar assim mesmo, por ser prece dos vivos.

No **capítulo CXXXIII**, a lenda de Rubião o faz discípulo de um grande filósofo e explica o silêncio dele sobre filosofia pelo método do mestre, que só ensinava a homens de boa vontade. Os discípulos da lenda são os comensais.

No **capítulo CLVI**, em plena mania, Rubião repete com lucidez teorias do finado amigo, às vezes com as mesmas frases, e o narrador pergunta como explicar esse conhecimento do que ele nunca entendera, e por que tudo desaparece quando a razão volta.

Do capítulo CXCIV ao capítulo CC, o que sobra de Humanitas é o lema das batatas, repetido sem a alegoria. Esse percurso está em *As batatas*.

O QUE SIGNIFICA

A doutrina tem duas vidas no livro. Na boca do filósofo, é uma explicação que faz da destruição de um a vida de outro. Na cabeça de Rubião, é uma frase que ele só compreende quando já está do lado de quem come: ouvida sem ser entendida, guardada, usada quando há o que ganhar. Nos capítulos da mania ela volta em frases que ele não entendia antes, e o narrador deixa a pergunta sem resposta.

O livro não discute Humanitas como filosofia, mostra quem a usa e para quê: o filósofo a usa para explicar a morte da avó e, segundo o jornal, suportou a doença com filosofia; Rubião a usa para sentir-se vencedor. O texto deixa que o leitor veja o que cada uso deve ao ponto de vista de quem fala.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Loucura, Dinheiro e riqueza.
- Personagens: *Quincas Borba* (filósofo), que a formula, *Rubião*, que a herda, e *Quincas Borba* (cão), onde o filósofo diz que ela também mora.
- Símbolos vizinhos: *As batatas*, a fórmula prática da doutrina, e *A coroa imperial*, em que a doutrina e o delírio se encontram no fim.

AS BATATAS

O QUE É

Ao vencedor, as batatas: a conclusão da alegoria com que *Quincas Borba* (filósofo) explica a *Rubião* a sua doutrina. Num campo de batatas que só alimenta uma de duas tribos famintas, a paz seria a morte das duas e a guerra é a conservação de uma, que extermina a outra e fica com os despojos. É a face prática de *Humanitas*, e o livro a leva do ouvido de Rubião, que não a entende, à boca dele, que a grita sem alegoria, até a hora da morte.

ONDE APARECE

No capítulo VI o filósofo conta a alegoria, a propósito da morte da avó: a guerra conserva, a paz destrói, ao vencido ódio ou compaixão, ao vencedor as batatas. Rubião pergunta pela opinião do exterminado e ouve que não há exterminado.

“Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas”

Capítulos I a XII: Humanitas e a morte do filósofo

No capítulo XVIII, em casa, de herdeiro, Rubião entende a alegoria pela primeira vez. Vê-se como vencedor, pensa em ser duro e implacável, imagina um sinete com o lema e logo esquece o projeto, mas a fórmula vive nele por alguns dias. O narrador observa que o melhor modo de apreciar o chicote é ter o cabo na mão.

“o melhor modo de apreciar o chicote é ter-lhe o cabo na mão”

Capítulos XIII a XXVIII: A herança e a tentação de Rubião

No **capítulo XXIV**, ao ir ao primeiro jantar em Santa Teresa, constrangido diante de **Sofia**, Rubião lembra a promessa de ser forte e implacável, que vem da mesma lição.

No **capítulo CXCV**, a caminho de Barbacena, chega à cidade com o cão e grita o lema que havia esquecido. Ninguém o recebe.

“Ao vencedor, as batatas!”

Capítulos CLXXXII a CCI: Loucura, abandono e a morte de Rubião

No **capítulo CXCVIII**, na manhã de sol que sucede à noite de tempestade, repete o lema ao ver a rua banhada de luz.

No **capítulo CXCIX**, na casa da comadre Angélica, com febre, grita o lema aos curiosos que se juntam à porta, entre a declaração de que é imperador e a notícia de que capturou o rei da Prússia. A palavra é repetida na rua sem que lhe deem sentido.

No **capítulo CC**, morre pondo na cabeça uma coroa que só ele vê, e as últimas palavras deixam o lema pela metade.

“Guardem a minha coroa”

Capítulos CLXXXII a CCI: Loucura, abandono e a morte de Rubião

O QUE SIGNIFICA

Das vezes em que Rubião diz o lema, só a do **capítulo XVIII** tem a alegoria por trás: ali ele pensa em tribos, montanhas e colchas de seda. Nas do **capítulo CXCV** ao **capítulo CC** sobra a frase, e a da morte nem se completa. O livro também mostra, no mesmo trecho final, onde foram parar as batatas: no **capítulo CXCI**, **Cristiano Palha** apurou três contos e duzentos dos bens de Rubião, e no **capítulo CXCII** **Sofia** inaugura o baile de Botafogo com um colar dos primeiros presentes dele.

Rubião grita o lema como promessa de vitória, e quem aparece colhendo ao fim é o casal Palha, que lhe devia dinheiro e lhe apurou os bens. O que o filósofo contou como lei geral chega a Rubião como convite e se cumpre, no desfecho, contra ele.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Dinheiro e riqueza, Ambição, Loucura.
- Personagens: **Rubião**, **Quincas Borba** (filósofo), **Cristiano Palha**, **Sofia**.
- Símbolos vizinhos: **Humanitas**, de onde a fórmula sai, e **A coroa imperial**, com a qual as últimas palavras se misturam.

A COROA IMPERIAL

O QUE É

O delírio de **Rubião**, que se toma por Napoleão III e depois por imperador sem mais, e a coroa que ele põe na cabeça na hora da morte, feita de nada. O delírio começa nos bustos de Napoleão I e de Napoleão III sobre a secretária, passa pela pêra e pelos bigodes copiados do imperador, por

Compiègne, por Luís e pela duquesa, e acaba na Rua da Ajuda e em Barbacena. Aparece em muitos capítulos, mas o objeto que lhe dá nome só aparece no último.

ONDE APARECE

No capítulo CIX o sonho já traz a imagem: Sofia aparece como a imperatriz Eugênia, Rubião manda enforcar Cristiano Palha e sai em carruagem triunfal com ela e o Quincas Borba (cão), sentindo-se o imperador Luís Napoleão.

No capítulo CXXV Sofia, doente, recorda a frase dele de que ainda a faria imperatriz.

No capítulo CXXXIV os bustos dos dois Napoleões chegam à secretária de Rubião.

No capítulo CXLV o barbeiro Lucien os encontra no gabinete, com uma gravura da batalha de Solferino e um retrato da imperatriz Eugênia, enquanto o dono segue em marcha para a lua.

No capítulo CXLVI Rubião manda cortar a barba pelo busto de Napoleão III e defende o imperador contra Orsini, dizendo que não há maldade que valha contra o destino de quem recebe a coroa imperial. Responde em português ao barbeiro francês e cuida falar francês.

“respondendo-lhe em português, cuidava falar francês”

Capítulos CXXXIII a CXLVII: Comensais, Tijuca e barba imperial

No capítulo CXLVII imagina-se em Biarritz ou Compiègne, governando um grande Estado e ouvindo ministros e embaixadores. Compiègne, diz o texto, ficava no caminho da lua.

No capítulo CXLVIII, sem a barba, alterna entre si mesmo e o imperador dos franceses, e o texto diz que os dois se equilibram, cada um inteiro sem o outro.

“Equilibravam-se, um sem outro, ambos integrais”

Capítulos CXLVIII a CLIX: O delírio no coupé de Sofia

No capítulo CLIII, no coupé de Sofia, fala-lhe como amante, pede que o chame de Luís, oferece-lhe um solitário e promete título de duque ao marido, que a fará duquesa. O texto chama aquilo de delírio com a sinceridade de quem viu as coisas que relata.

“Delírio, sim, é o que era; tinha a sinceridade da palavra, como pessoa que vê ou viu realmente as coisas que relata”

Capítulos CXLVIII a CLIX: O delírio no coupé de Sofia

No capítulo CLV a notícia da mania se espalha, e quem a testa, levando a conversa à França e ao imperador, vê Rubião resvalar ao abismo.

No capítulo CLVI, com a guerra franco-prussiana, as crises ficam mais agudas: a queda de Napoleão III é para ele a captura do rei Guilherme, e os comensais, promovidos a marechais, não o contrariam.

No capítulo CLXXXI, na casa do Major Siqueira, é o major quem, ao contar a batalha de Monte-Caseros, tem Napoleão III diante de si, e Rubião aplaude e lhe promete uma condecoração. Quando o major o conduz à porta, insiste que é o seu imperador.

No **capítulo CLXXXII** desfila pela Rua da Ajuda com uma imperatriz invisível, Eugênia ou Sofia.

No **capítulo CLXXXIV** chega à casa de Dona Fernanda com a rua feita paço: cada lampião tem aspecto de camarista, cada esquina feição de reposteiro.

No **capítulo CXCIX**, na casa da comadre Angélica, grita aos curiosos que está imperador e diz ter capturado o rei da Prússia.

No **capítulo CC** morre poucos dias depois, sem ser súdito nem vencido: põe a coroa na cabeça, uma coroa que o texto diz não ser sequer um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores palpassem a ilusão, e que só ele vê.

“Guardem a minha coroa”

Capítulos CLXXXII a CCI: Loucura, abandono e a morte de Rubião

O QUE SIGNIFICA

A coroa percorre o livro em quatro estados: objeto de admiração, nos bustos do **capítulo CXXXIV**; cópia, na barba do **capítulo CXLVI**; ocupação, no coupé do **capítulo CLIII** e nas ruas do **capítulo CLXXXII**; e, por fim, nada, na cabeça de um moribundo, no **capítulo CC**. O delírio entra como detalhe de comédia, a resposta em português que ele julga ser francês, antes de ser diagnóstico, e o narrador deixa em aberto se zomba da glória de Rubião ou a respeita.

O narrador faz questão de que não haja objeto: nem chapéu velho nem bacia, nada onde os espectadores palpassem a ilusão. A coroa existe só para quem a vê, e quem a vê é quem morre. A vitória que as batatas prometiam e o mundo lhe negou chega a Rubião por esse caminho, no momento em que ninguém mais a vê.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Loucura, Aparência e realidade, Ambição.
- Personagens: **Rubião**, **Sofia**, que é Eugênia e duquesa no delírio, **Cristiano Palha**, a quem ele promete o título de duque, e **Camacho**, o único que defende, no **capítulo CXLVIII**, que não se altere o rosto.
- Símbolos vizinhos: **As batatas**, cujo lema ele repete até morrer, e **O Cruzeiro do Sul**, que no **capítulo XCVII** Rubião já pensa em fazer distinção honorífica.

O CRUZEIRO DO SUL

O QUE É

A constelação que **Rubião** pede a **Sofia** que fite todas as noites, às dez horas, para que os pensamentos dos dois se encontrem ali, entre Deus e os homens. Sofia recusa, e o pedido volta ao longo do livro sempre fora da cena em que foi feito: na queixa de Sofia ao marido, na lembrança de Rubião à janela e na última frase do romance.

ONDE APARECE

No **capítulo XLI**, no jardim de Santa Teresa, Sofia diz que podiam dar pela ausência deles, e Rubião agarra-se ao possessivo. Retendo-a pela mão, pede dois favores: que não esqueça aqueles dez minutos

e que, todas as noites às dez, fite o Cruzeiro, enquanto ele o fitará também. O texto diz que o convite era poético, mas só o convite, porque nem os olhos nem o gesto dele tinham poesia.

“Rubião estremeceu diante deste possessivo: nossa ausência”

Capítulos XLI a XLIX: A noite depois do jardim

No capítulo L, na sala, Sofia conta ao marido a cena do jardim e cita, entre as ofensas, o pedido do Cruzeiro. Cristiano Palha o toma por pedido de alma cândida, coisa de moça de quinze anos, de tolo e de poeta. Mais adiante ela diz que presentes, jóias e camarotes não são motivo para que fite o Cruzeiro com Rubião, e é aí que Palha suspira que fosse só isso e acaba confessando a dívida.

“Mas, meu amor, eu devo-lhe muito dinheiro”

Capítulos L a LVII: Palha, Sofia e a entrada de Camacho

No capítulo XCVII, à janela, depois de ver a costureira sair com um homem, Rubião olha o céu e lá está o Cruzeiro. Pensa que a vida dos dois seria outra se ela tivesse consentido em fitá-lo, e a constelação parece confirmar, fulgurando. Daí passa a lembrar que o Cruzeiro é também uma ordem honorífica e acha genial fazer dela uma distinção nacional e privilegiada.

No capítulo CCI, no fecho do livro, o narrador manda o leitor chorar ou rir, que é a mesma coisa, e acrescenta que o Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar como Rubião lhe pedia, está alto demais para discernir os risos e as lágrimas dos homens.

“Se só tens riso ri-te! É a mesma coisa.”

Capítulos CLXXXII a CCI: Loucura, abandono e a morte de Rubião

O QUE SIGNIFICA

O Cruzeiro tem uma só cena e três ecos, e cada eco o usa para outra coisa. Para Sofia, no capítulo L, é a prova do que Rubião quis. Para Palha, é o que ele minimiza antes de confessar a dívida. Para Rubião, no capítulo XCVII, é a vida que não houve e, logo em seguida, uma condecoração. No capítulo CCI é o céu que o narrador põe acima das lágrimas e dos risos dos homens.

A última frase do livro só pesa para quem se lembra do pedido do capítulo XLI, que Sofia recusou. O romance fecha mandando olhar para cima e põe como medida do que está lá em cima aquilo que ela não quis fazer. Do jardim ao fecho, o Cruzeiro vira a medida da distância entre o que Rubião pediu e o que o livro lhe deu.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Desejo, Ambição, Lealdade e traição.
- Personagens: Rubião, Sofia, Cristiano Palha, que ouve o pedido de segunda mão.
- Símbolos vizinhos: A coroa imperial, a outra distinção que Rubião acaba por conceder a si mesmo.

DISCUSSÕES

A OBRA INTEIRA

A doutrina de Humanitas, que o filósofo expõe e Rubião só entende ao herdar, descreve o mundo do livro?

Rubião é vítima de quem o cerca, autor da própria ruína, ou as duas coisas?

O narrador deixa o leitor formar uma certeza e depois a desfaz: o que o romance pede de quem lê?

A vaidade de Rubião e a loucura dele são a mesma coisa, ou o livro as distingue?

O cão leva o nome do filósofo e acompanha Rubião até o fim: o que a fidelidade dele diz das fidelidades entre as pessoas do livro?

CAPÍTULOS I A XII: HUMANITAS E A MORTE DO FILÓSOFO

Rubião vê a morte da irmã e do amigo como obra de Deus por linhas tortas: o que isso revela sobre ele?

A filosofia de Quincas Borba explica a morte da avó ou apenas a justifica?

Rubião lê a loucura do amigo como perda de um bom amigo ou como risco ao legado?

CAPÍTULOS XIII A XXVIII: A HERANÇA E A TENTAÇÃO DE RUBIÃO

Por que o testador faria de um cachorro a única condição de uma herança inteira?

Rubião só compreende a alegoria das tribos depois de herdar: a doutrina ensina alguma coisa ou apenas confirma o lugar de quem a lê?

Palha aconselha discrição depois de ouvir a confidência inteira: é prudência de amigo ou interesse de quem soube que Rubião é rico?

Por que o narrador para no meio da tentação de Rubião para descrever a vida interior do cão?

CAPÍTULOS XXIX A XL: MORANGOS, LUAR E DECLARAÇÃO DE RUBIÃO

Freitas é um amigo de Rubião ou alguém que vive de sua mesa, e como o próprio Rubião o enxerga?

Palha decota a mulher para exibir a própria ventura: o que essa vaidade diz do casamento dos dois?

Sofia lembra os próprios gestos e as palavras doces e vê que não podia ignorar o sentido das finezas de Rubião: ela tem parte na situação, ou o texto a trata apenas como surpreendida?

CAPÍTULOS XLI A XLIX: A NOITE DEPOIS DO JARDIM

Sofia diz nossa ausência: é um deslize ou uma defesa, e o que Rubião faz com a palavra?

Rubião cogita que o cão seja o filósofo: é crença, medo ou conveniência de quem herdou?

CAPÍTULOS L A LVII: PALHA, SOFIA E A ENTRADA DE CAMACHO

Palha empalidece ao ouvir a notícia e depois passa a minimizá-la: o que o faz mudar de tom, o ciúme ou a dívida?

O narrador diz que a moral é uma e os pecados são diferentes: que diferença o narrador vê entre o remorso de Rubião pela carta escondida e o do jardim, e ela convence?

CAPÍTULOS LVIII A LXVII: A ATALAIA, O SALVAMENTO E MARIA BENEDITA

Palha e Camacho se entendem sem uma palavra: o que a imagem do bilhete de visita diz sobre os dois?

Rubião muda as regras da aposta quando a sorte diz não: ele decide pela sorte ou já tinha decidido?

Rubião começa vexado e termina reimprimindo a notícia: o que o faz mudar de ideia?

CAPÍTULOS LXVIII A LXXVI: BAILE, SOCIEDADE E A DECLARAÇÃO

Rubião entra na sociedade com Palha sem entender os números: que motivos o texto dá para ele aceitar, e onde fica Sofia entre eles?

Carlos Maria se abate por ter mentido a Sofia e acha a confissão dela um estorvo: o que o incomoda de fato?

CAPÍTULOS LXXVII A LXXXIX: CASAMENTO SONHADO E PRAIA FORMOSA

Sofia não quer Rubião, mas não suporta dá-lo à prima: o que o narrador diz sobre esse ciúme e o que ele deixa em aberto?

Palha repete o palpite e pergunta se Sofia nunca o mencionou: ele só especula ou testa o sócio?

CAPÍTULOS XC A CII: A SUSPEITA E A CANDIDATURA DE RUBIÃO

Por que um capítulo inteiro para o diretor do banco?

As flores falam ao desejo de Rubião: quem fala aqui, ele ou o narrador?

O que muda no tratamento de Freitas morto quando chega o coupé de Rubião?

CAPÍTULOS CIII A CXIII: A CARTA DEVOLVIDA E OS DEZ CONTOS

Sofia quebra o mandarim sem saber como o pegou: contra quem é a raiva?

O conselho de Palha é zelo pelo amigo ou controle sobre o capital?

Por que o narrador dispensa a análise e resume tudo num título?

CAPÍTULOS CXIV A CXVIII: O NOIVADO DE MARIA BENEDITA

Rubião achava a carta de Sofia e decidira não voltar a vê-la: por que acredita tão depressa na lágrima dela?

Maria Benedita diz amar Carlos Maria como se ama a Deus, sem esperar resposta: o livro mostra aí uma forma de amor ou uma forma de abdicação?

CAPÍTULOS CXIX A CXXXII: CASAMENTO, RUPTURA E O MAJOR OFENDIDO

Carlos Maria achava a moça fria e passa a gostar dela ao saber que é amado: o que isso sugere sobre a origem do afeto?

Noivo e noiva veem, cada um da sua janela, o mesmo quadro: o que a simetria sugere sobre o casamento que começa?

Rubião pergunta se há rompimento de amizade e se contenta com a resposta de Palha: o que a torna convincente para ele?

O major vê desprezo onde Rubião vê confusão: quem lê melhor a mudança dos Palha?

CAPÍTULOS CXXXIII A CXLVII: COMENSAIS, TIJUCA E BARBA IMPERIAL

A lenda chama os convivas de discípulos, mas o texto diz que eram só de boa vontade: o que eles recebem e dão em troca?

Machado responde à leitora impaciente que Sofia comia bem e dormia largo e fofo: o que essa resposta revela e o que deixa de dizer?

Rubião responde em português ao barbeiro francês e acredita falar francês: onde termina o engano e começa o delírio?

CAPÍTULOS CXLVIII A CLIX: O DELÍRIO NO COUPÉ DE SOFIA

Camacho faz da própria cara uma necessidade moral e diz que sua vida a reproduz: o que esse argumento revela dele, e o que tem a ver com Rubião?

Rubião narra com minúcia um encontro que o texto chama de história não sucedida: de que é feito esse delírio, e por que o relato soaria verdadeiro a quem o ouvisse?

Sofia se pergunta por que não reteve nenhum dos nomes que lhe passaram: o que a pergunta mostra sobre o que ela deseja?

CAPÍTULOS CLX A CLXXI: SOFIA RECUA, RUBIÃO DELIRA

O desejo de Sofia vira veleidade em poucas horas, com refúgio moral no corpo sem mácula: o que esse refúgio protege?

Os amigos de Rubião não se ligavam por amizade nem estima, mas padecem com a separação: o que os unia?

Por que Carlos Maria se incomoda ao adivinhar que a mulher confidenciou a outra a própria felicidade?

CAPÍTULOS CLXXII A CLXXXI: TEÓFILO, O MINISTÉRIO E O ABANDONO

Teófilo diz que pastas não valem nada, mas desaba ao ficar de fora: o que ele espera do trabalho?

Camacho, que antes falava muito diante de Rubião, agora finge consultar livros para despedi-lo: o que o texto sugere ter mudado entre os dois?

O major e Dona Tônica afastam Rubião com a história do coche: é crueldade, cuidado ou conveniência?

CAPÍTULOS CLXXXII A CCI: LOUCURA, ABANDONO E A MORTE DE RUBIÃO

A mãe se culpa pela zombaria do filho: o livro condena a surriada ou só registra o espanto de quem a viu?

O narrador diz que a vida se repete em poucas situações: o que a cena do cão trancado repete de Barbacena?

O lema volta a Rubião sem a alegoria, só com o sentido vago de luta e vitória: o que sobra da doutrina sem o sentido?

Rubião morre coroadado só para si mesmo: o narrador zomba dessa glória ou a respeita?